

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO  
ESCOLA POLITÉCNICA E DE ARTES  
CURSO DE DESIGN

**LEONARDO GUIMARÃES CARNEIRO**

**JORNADAS DE AUTODESCOBERTA:**

Ilustrando barreiras sociais e pessoais enfrentadas por pessoas transgênero

GOIÂNIA - GO  
2025

LEONARDO GUIMARÃES CARNEIRO

**JORNADAS DE AUTODESCOBERTA:**

Ilustrando barreiras sociais e pessoais enfrentadas por pessoas transgênero

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola Politécnica e de Artes, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Design.

**Orientadora:** Profa. Dra. Ana Paula Bandeira

GOIÂNIA - GO

2025

LEONARDO GUIMARÃES CARNEIRO

**JORNADAS DE AUTODESCOBERTA:**

Ilustrando barreiras sociais e pessoais enfrentadas por pessoas transgênero

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado em sua forma final pela Escola Politécnica e de Artes, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, para a obtenção do título de Bacharel em Design, em \_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_.

Profa. Dra. Ana Paula Bandeira  
Orientadora

Profa. Dra. Genilda da Silva Alexandria Sousa  
Membro Interno

Prof. Dr. Cláudio Aleixo Rocha  
Membro Externo

GOIÂNIA - GO  
2025



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
GABINETE DO REITOR

Av. Universitária, 1689 • Setor Universitário  
Caixa Postal 86 • CEP 74605-010  
Goiânia • Goiás • Brasil  
Fone: (62) 3946.1000  
www.pucgoias.edu.br • reitoria@pucgoias.edu.br

## RESOLUÇÃO n° 038/2020 – CEPE

### ANEXO I

#### APÊNDICE ao TCC

#### Termo de autorização de publicação de produção acadêmica

O(A) estudante Leonardo Guimarães Carneiro do Curso de Design, matrícula 20211004200486, telefone: (62) 98126-9882 e-mail guimaraesleonardo.arte@gmail.com, na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei n° 9.610/98 (Lei dos Direitos do Autor), autoriza a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) a disponibilizar o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado Jornadas de Autodescoberta: Ilustrando barreiras sociais e pessoais enfrentadas por pessoas transgênero, gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, por 5 (cinco) anos, conforme permissões do documento, em meio eletrônico, na rede mundial de computadores, no formato especificado (Texto(PDF); Imagem (GIF ou JPEG); Som (WAVE, MPEG, AIFF, SND); Vídeo (MPEG, MWV, AVI, QT); outros, específicos da área; para fins de leitura e/ou impressão pela internet, a título de divulgação da produção científica gerada nos cursos de graduação da PUC Goiás.

Goiânia, 07 de junho de 2025.

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** LEONARDO GUIMARAES CARNEIRO  
Data: 07/06/2025 10:06:13-0300  
verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Assinatura do autor: \_\_\_\_\_

Nome completo do autor: Leonardo Guimarães Carneiro

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** ANA PAULA NERES DE SANTANA BANDEIRA  
Data: 17/06/2025 18:07:59-0300  
verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Assinatura do professor-orientador: \_\_\_\_\_

Nome completo do professor-orientador: \_\_\_\_\_

Dedico este trabalho às pessoas LGBTQIAPN+, especialmente às pessoas transgênero, cujas histórias florescem com coragem e autenticidade, e a todas as pessoas que, com sabedoria, acolhimento, pequenos e grandes gestos, tornam o mundo mais justo. Que este projeto seja um reflexo da beleza e força de existir, do ato de viver e da infinita aprendizagem que nos transforma a cada passo.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, antes de tudo, à minha mãe Antonella. Sua força, amor, paciência e acolhimento foram os alicerces que sustentaram minha caminhada. Seu nome, de significado profundo, já diz tudo: pequena, inestimável e valiosa. Obrigado por sempre me ouvir, me respeitar e por ser meu lar em cada etapa dessa jornada.

Desde cedo, o desejo de criar esteve presente em minha trajetória. Traços, cores e formas sempre representaram mais do que ferramentas de expressão — foram refúgio e voz. Escolher o curso de Design foi um caminho que, apesar das incertezas, sempre pareceu o mais coerente com quem sou. À minha orientadora Ana Bandeira e aos meus professores, que me ensinaram a enxergar o mundo por novos ângulos, obrigado por acreditarem em mim e por guiarem meus passos pacientemente.

Aos diversos amigos que estiveram comigo em cada momento, celebrando conquistas e me amparando nos desafios, deixo meu mais profundo agradecimento. Vocês são a prova de que nenhuma estrada precisa ser percorrida sozinha e que cada momento vivido ao lado de alguém torna tudo mais leve e divertido. E às pessoas que cruzaram meu caminho, deixando em mim um pouco de si, também sou imensamente grato. A cada pessoa que contribuiu para este trabalho, compartilhando suas histórias e perspectivas, muito obrigado. Vocês foram essenciais para que este projeto ganhasse vida e significado.

Por fim, agradeço ao tempo, que sempre me ensina que é preciso, acima de tudo, de paciência para crescer. Este trabalho não é só meu; ele é um mosaico de todas as vivências e convivências, cada mão e coração que me ajudou. Somos a soma de tudo que vemos, vivemos e sentimos; uma construção constante de diálogos, experiências e emoções que torna cada ser humano incrível e único.

*“É importantíssimo que existam modelos positivos. Eu nunca os tive quando jovem. Existir de forma tranquila, assumindo identidades antes proibidas, é transgressor e produz resultados.”*

*Laerte Coutinho*

## RESUMO

Este trabalho investiga as jornadas de autodescoberta e afirmação de gênero de pessoas transgênero, transexuais e travestis, desmistificando preconceitos da sociedade cisnormativa e abordando as barreiras culturais e sociais que dificultam a vivência plena dessas identidades. A pesquisa combina revisão bibliográfica, entrevistas e levantamento histórico, destacando os impactos da transfobia e fetichização na saúde mental, como altos índices de depressão e ideação suicida, e os benefícios de tratamentos afirmativos, como terapia hormonal e bloqueadores de puberdade. Por meio da ilustração e do design social, o trabalho atua como uma ferramenta de sensibilização e representação das vivências trans, retratando suas complexidades de forma empática e promovendo o diálogo sobre inclusão social e acolhimento familiar. Assim, reforça a urgência de políticas públicas que respeitem a diversidade de gênero e garantam dignidade e respeito às pessoas trans.

**Palavras-Chave: Barreiras Sociais, Transgeneridade, Autodescoberta, Design Social**

## ABSTRACT

This paper investigates the journeys of self-discovery and gender affirmation of transgender, transsexual and transvestite people, demystifying the prejudices of cisnormative society and addressing the cultural and social barriers that make it difficult for these identities to live fully. The research combines a literature review, interviews and a historical survey, highlighting the impacts of transphobia and fetishization on mental health, such as high rates of depression and suicidal ideation, and the benefits of affirmative treatments, such as hormone therapy and puberty blockers. Through illustration and social design, the work acts as a tool for raising awareness and representing trans experiences, portraying their complexities in an empathetic way and promoting dialogue on social inclusion and family acceptance. It thus reinforces the urgency of public policies that respect gender diversity and guarantee dignity and respect for trans people.

**Keywords: Social Barriers, Transgender, Self-Discovery, Social Design**

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
Objetivo geral .....	12
Objetivos específicos.....	12
<b>1 O NASCER DAS REFLEXÕES:</b> .....	<b>14</b>
<b>Explorando Identidades e Vivências trans</b> .....	<b>14</b>
<b>2 PERSPECTIVAS DO GÊNERO</b> .....	<b>15</b>
2.1 DEFINIÇÕES E DIFERENÇAS .....	16
<b>2.1.1 Cisgênero e Transgênero</b> .....	<b>16</b>
<b>2.1.2 Identidade de Gênero e Orientação Sexual</b> .....	<b>16</b>
<b>2.1.3 Travestis e Mulheres Transexuais</b> .....	<b>18</b>
<b>2.1.4 Drag Queens, Drag Kings e Performances de Gênero</b> .....	<b>18</b>
2.2 FETICHIZAÇÃO E TRANSFOBIA: EFEITOS NA SAÚDE MENTAL TRANS.....	18
2.3 BEM-ESTAR TRANS: IMPACTOS DA TERAPIA E BLOQUEIO HORMONAL.....	21
<b>3 DESIGN COMO EXPRESSÃO DAS JORNADAS DE AUTODESCOBERTA</b> <b>25</b>	
<b>4 FRAGMENTOS DE EXISTÊNCIA:</b> .....	<b>25</b>
<b>Vozes Trans em Primeiro Plano</b> .....	<b>25</b>
4.1 ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	26
4.2 ONDE A ESCUTA HABITA: Relatos dos encontros .....	30
4.3 CATEGORIZAÇÃO TEMÁTICA DOS RELATOS: Análise de Conteúdo.....	33
<b>5 PROCESSO CRIATIVO E DESENVOLVIMENTO DO PROJETO</b> .....	<b>34</b>
5.1 PROCESSOS CRIATIVOS E CURATORIAIS .....	35
5.2 PRODUÇÃO EDITORIAL E ARTÍSTICA: DO ESBOÇO AO PRODUTO FINAL .....	58
<b>5.2.1 Referências visuais e diretrizes cromáticas</b> .....	<b>58</b>

<b>5.2.2. Processos Criativos e Experimentações Visuais</b> .....	<b>59</b>
<b>5.2.3 Processos Criativos e Experimentações Visuais</b> .....	<b>82</b>
5.4 VIVÊNCIAS, REFERÊNCIAS E CONEXÕES AFETIVAS.....	83
5.5 PRODUTO FINAL .....	86
5.6 EXPOSIÇÃO: A OBRA COMO ESPAÇO DE ENCONTRO .....	90
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>91</b>
<b>Referências:</b> .....	<b>92</b>
<b>APÊNDICES</b> .....	<b>95</b>
APÊNDICE A – ENTREVISTAS.....	96
APÊNDICE B – RESULTADOS DO QUESTIONÁRIO .....	96

## INTRODUÇÃO

Essa pesquisa parte do pressuposto que o estudo sobre a jornada de autodescobrimento das pessoas transgênero, transexuais e travestis explora os processos únicos pelos quais passam ao reconhecer e afirmar sua identidade de gênero. Isso inclui entender como cada indivíduo descobre a desconexão entre o gênero atribuído no nascimento e o gênero com qual se identifica, além de examinar os desafios e as vitórias que acompanham essa trajetória.

Essas experiências são moldadas por fatores culturais, sociais e psicológicos, que influenciam tanto o entendimento pessoal da identidade quanto a relação com a sociedade, redes de apoio e políticas públicas que impactam diretamente suas trajetórias. Nesse conjunto de vivências, até mesmo acontecimentos pequenos, como uma conversa, o um gesto singelo, uma descoberta íntima, podem desencadear transformações profundas no ser humano — uma percepção que dialoga com a metáfora do efeito borboleta, cuja sensibilidade também inspira este trabalho a valorizar os detalhes que movem cada trajetória. Também se foca nas singularidades de cada experiência, desde os fatores culturais, sociais e psicológicos, que moldam desde o entendimento pessoal de identidade até a interação com a sociedade, redes de apoio, o processo de transição e as políticas que impactam suas vidas.

O estudo busca dar visibilidade à diversidade dentro da comunidade trans, destacando que cada percurso, apesar de semelhante, é único e deve ser respeitado em sua individualidade. Ademais, o projeto aborda outras questões, como a importância de reconhecer que pessoas transgênero enfrentam desafios comuns à experiência humana, como questões familiares, afetivas, econômicas e emocionais; o que reforça a necessidade de enxergá-las, também, em sua totalidade, para além da transgeneridade.

Estudar esse tema é fundamental para promover acessibilidade à informação e estimular uma poética visual que contribua para a sensibilização e educação do público. Trata-se de um assunto atual e urgente, visto que reflete a realidade de inúmeras pessoas que, em meio a um cenário de preconceito e desinformação, enfrentam desafios significativos em suas trajetórias. A falta de compreensão sobre a transgeneridade pode gerar graves impactos psicológicos, emocionais e sociais, como isolamento, marginalização e estigmatização. Ao abordar

esse tema, o trabalho contribui para desmistificar preconceitos, fomentar empatia e criar um diálogo necessário para melhorar as relações interpessoais e a qualidade de vida das pessoas trans, ao mesmo tempo em que enriquece o campo do design e das artes com novas narrativas e representações descontraída.

### **Objetivo geral**

O objetivo geral deste projeto é ampliar o conhecimento acerca das jornadas de autodescoberta enfrentadas por pessoas transsexuais/ transgênero, desmistificando as percepções equivocadas construídas pela sociedade cisnormativa.

### **Objetivos específicos**

- Realizar entrevistas com pessoas transgênero
- Fazer levantamento bibliográfico de conteúdos da área
- Desenvolver uma publicação que destaque que cada experiência é única

A metodologia deste trabalho combina diferentes abordagens qualitativas que buscam explorar com profundidade o objeto de estudo. O **levantamento bibliográfico** é uma das bases fundamentais, possibilitando a construção de um referencial teórico consistente. Para isso, foram utilizados textos de autores como Juno Nedel, Meredith Worthen e Jaqueline Gomes de Jesus, entre outros, que discutem temas centrais relacionados à pesquisa. Essa etapa tem como objetivo compreender e contextualizar os conceitos, debates e teorias que fundamentam as análises.

A pesquisa incluiu a realização de **entrevistas semi-estruturadas** como procedimento metodológico principal. Esse tipo de entrevista se caracteriza pela utilização de um roteiro de perguntas previamente elaborado, mas com flexibilidade para que novos tópicos possam emergir durante a conversa. Essa abordagem permite ao pesquisador adaptar as perguntas conforme a narrativa dos entrevistados, garantindo tanto a organização quanto a espontaneidade. O formato semi-estruturado é especialmente valioso em pesquisas que visam captar percepções, experiências e significados a partir da perspectiva dos participantes.

O uso de um **diário de campo** foi empregado como ferramenta indispensável para registrar impressões, reflexões e detalhes observados durante as interações com os sujeitos e os contextos investigados. O diário de campo não apenas auxiliou na

documentação dos dados coletados, mas também foi instrumento reflexivo que contribuiu para a análise e compreensão crítica do pesquisador sobre os fenômenos estudados.

Por fim, os dados coletados foram analisados por meio da **análise de conteúdo**, conforme proposto por Laurence Bardin (2015). Essa técnica consiste em um conjunto de procedimentos sistemáticos e objetivos para descrever e interpretar o conteúdo das mensagens, identificando categorias, temas e padrões que emergem dos materiais obtidos. A análise de conteúdo é particularmente útil para organizar e compreender os dados qualitativos, proporcionando insights que contribuem para o aprofundamento das discussões teóricas e práticas apresentadas no estudo.

No contexto desta pesquisa, os relatos das entrevistas foram inicialmente transcritos e organizados em um diário de campo. A partir dessa organização, foi realizada uma leitura flutuante para identificação de unidades de registro recorrentes, como sensações corporais, experiências de acolhimento ou rejeição, e relações com a identidade de gênero. Essas unidades foram agrupadas em categorias temáticas, como “euforia de gênero”, “passabilidade e validação social”, “afetividade e pertencimento” e “memórias da infância”. A análise seguiu então para a fase de inferência interpretativa, na qual os conteúdos foram articulados com os referenciais teóricos discutidos.

Desse modo, a combinação desses métodos e procedimentos garantiu uma abordagem abrangente, que respeita a complexidade do tema investigado e assegura a produção de conhecimentos relevantes e embasados.

Esta pesquisa está dividida em três partes, sendo cada uma delas dedicada a explorar diferentes aspectos das vivências e desafios enfrentados pela população transgênero, transexual e travesti, com foco em suas jornadas de autodescoberta e no impacto do design social como ferramenta de inclusão e transformação.

A primeira parte aborda a transfobia e as violências sociais e psicológicas enfrentadas pelas pessoas trans. Nele, foram discutidos os conceitos de violência estrutural, institucional e familiar, destacando como essas formas de opressão afetam o bem-estar psicológico e social dessa população. O capítulo também refletirá sobre as implicações da exclusão social e os caminhos para a superação dessa violência, com base em estudos e relatos de vivências trans.

A segunda parte se concentra nos impactos da terapia hormonal e bloqueio hormonal sobre o bem-estar psicológico de jovens trans. A pesquisa aqui se apoiou em estudos recentes que mostram os benefícios da terapia hormonal, especialmente quando iniciada na juventude, e o papel crucial dos bloqueadores de puberdade como uma intervenção reversível, permitindo que os jovens trans explorem sua identidade de gênero de maneira mais segura e consciente, sem as pressões de transformações corporais irreversíveis. Este capítulo também discute as diferenças entre os bloqueadores hormonais e a terapia hormonal afirmativa, desmistificando conceitos e abordando a importância dessas intervenções para o bem-estar emocional da população trans.

A terceira parte trata do design como expressão das jornadas de autodescoberta trans, destacando o papel do design social na criação de soluções inclusivas e empáticas para pessoas transgênero, transexuais e travestis. Serão explorados projetos visuais e espaços acolhedores que buscam desmistificar preconceitos e promover a representação positiva e genuína das experiências trans. Este capítulo mostra como o design pode ser uma ferramenta poderosa para a inclusão, a visibilidade e o respeito às identidades trans, além de promover a construção de um ambiente mais justo e acolhedor para essa população.

## **1 O NASCER DAS REFLEXÕES:**

### **Explorando Identidades e Vivências trans**

Este trabalho busca investigar as múltiplas jornadas de autodescoberta e afirmação de gênero vivenciadas por pessoas transgênero, transexuais e travestis, com o objetivo de desmistificar percepções equivocadas construídas pela sociedade cisnormativa. A pesquisa explora o complexo processo de autocompreensão e expressão, essencial para o bem-estar e autenticidade dessas pessoas, mas que também é repleto de barreiras sociais e culturais, incluindo o julgamento externo que dificulta o respeito e a vivência plena de suas identidades.

Para oferecer uma base sólida de conhecimento, o estudo aborda conceitos e definições fundamentais sobre identidade de gênero, sexualidade e performances de gênero buscando promover uma compreensão mais respeitosa e empática. A análise será enriquecida por um levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas transgênero e um resgate histórico e cultural sobre a transgeneridade, que evidenciará

a diversidade de vivências ao longo do tempo. Esse panorama também contemplará os impactos da transfobia e da fetichização, que afetam a saúde mental dessa população e intensificam os desafios cotidianos.

Além de investigar os efeitos do preconceito, o trabalho examinará o impacto positivo de tratamentos de afirmação de gênero, como a terapia hormonal e o uso de bloqueadores hormonais, no bem-estar da juventude transgênero. Esses recursos oferecem suporte à saúde mental, proporcionando um tempo seguro para que explorem sua identidade de gênero sem mudanças corporais irreversíveis, o que ajuda na redução de quadros de ansiedade, promovendo estabilidade emocional.

Ao dar visibilidade a essas trajetórias diversas, o estudo terá como objetivo criar um acolhimento social e familiar mais inclusivo, reconhecendo a singularidade de cada experiência e promovendo um ambiente de segurança e aceitação. Trata-se de um tema atual e urgente, fundamental para sensibilizar e educar o público, o que contribuirá para a desmistificação de preconceitos e o fortalecimento da empatia. Esse trabalho também buscará enriquecer o campo da ilustração e do design, criando uma poética visual que representará novas narrativas e incentivará políticas públicas e mudanças culturais que assegurarão o direito de cada um vivenciar sua identidade com dignidade e respeito.

Pessoas que se identificam com alguma das expressões da transgeneralidade enfrentam um primeiro desafio: reconhecer a si mesmas e fazer decisões pessoais sobre se e quando irão se apresentar aos outros da forma como se identificam. Cada um(a) tem o seu tempo. É preciso compreender que essa atitude não é simples de se tomar, nem fácil de pôr em prática, porém é necessária, para que elas possam ser quem são por inteiro, entre seus amigos, na família, no trabalho, na rua. (JESUS, 2012, p. 19)

## **2 PERSPECTIVAS DO GÊNERO**

Esse processo inicial de autodescoberta e apresentação ao mundo é fundamental para o bem-estar e autenticidade das pessoas transgênero. Apesar de a palavra "transgênero" ter sido proposta apenas ao final da década de 1980 e o termo "transexual" popularizado na década de 1950, a existência de pessoas fora da conformidade de gênero é muito anterior a essas definições. Segundo Nedel (2020), ao investigar a história da transgeneridade, é comum focar no Norte Global, o que

pode descontextualizar e apagar relatos de outras culturas, como as *hijiras* na Índia e os *Two-Spirits* nas comunidades indígenas da América do Norte, que reconheciam indivíduos além do binarismo de gênero<sup>1</sup>. Além disso, em mitologias antigas, figuras como *Gala* e *Galli* eram sacerdotisas, nascidas no sexo masculino, que atravessavam os limites de gênero em sua veneração a deusas da Suméria, Acádia, Grécia e Roma.

## 2.1 DEFINIÇÕES E DIFERENÇAS

### 2.1.1 Cisgênero e Transgênero

Na definição de Jesus (2012), "chamamos de cisgênero, ou de 'cis', as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi atribuído quando ao nascimento" (p. 10). Por exemplo, se alguém nasce com o corpo identificado como feminino e continua se vendo e vivendo como mulher, essa pessoa é cisgênero (ou "cis"). Segundo a autora, pessoas não-cisgênero, ou transgênero, são aquelas que não se identificam com o gênero designado no nascimento, ressaltando a diversidade existente na identificação com o gênero e com seus respectivos papéis. Ou seja, alguém que nasce, por exemplo, com o corpo identificado como masculino, mas que, com o tempo, se percebe e vive como mulher, é uma pessoa transgênero (ou "trans<sup>2</sup>").

### 2.1.2 Identidade de Gênero e Orientação Sexual

Para entender as diferenças entre identidade de gênero e orientação sexual, é importante destrinchar os conceitos centrais de cada um. A identidade de gênero está relacionada à forma como a pessoa se percebe e se identifica em relação ao gênero. Esse é um aspecto interno, subjetivo, que reflete como a pessoa se enxerga no espectro de gênero (masculino, feminino, ambos, nenhum, ou uma combinação

---

<sup>1</sup> **Binarismo de gênero:** Ideia de que existem apenas dois gêneros — masculino e feminino — baseados no sexo atribuído ao nascimento. Essa visão ignora identidades fora dessas categorias, como as não-binárias, e pode marginalizar pessoas que não se encaixam nesses padrões. Um exemplo de pensamento que desafia essa ideia é o de Judith Butler, que sugere que o gênero é uma performance social, construída e reiterada nas ações e nos comportamentos das pessoas, em vez de algo essencial ou inerente ao sexo biológico. Para Butler, essa visão possibilita a compreensão do gênero como algo fluido, ampliando o espectro de identidades para além do binarismo e promovendo uma sociedade mais inclusiva para diversas expressões de gênero.

<sup>2</sup> O termo "trans" é utilizado como uma designação inclusiva, abrangendo diversas identidades de gênero fora das normas cisgêneras. Ele evita as limitações dos termos "transgênero" e "transexual", os quais podem impor classificações específicas, permitindo maior flexibilidade e representatividade. O uso de "trans" visa respeitar a autodefinição e as experiências de cada pessoa, ampliando a compreensão sobre identidades trans sem reduzi-las a categorias restritivas. Para mais detalhes, consulte o Centro de Pesquisa Transfeminista.

única). A sexualidade, por outro lado, refere-se às preferências, práticas e sentimentos relacionados à atração afetivo-sexual que uma pessoa sente por outras, sejam elas do mesmo gênero, de outro gênero, ou de ambos. Jesus (2012).

Uma forma simples de diferenciar é entender que identidade de gênero é sobre "quem você é" e orientação sexual é sobre "quem você ama ou se sente atraído". A identidade de gênero é mais singular e pessoal, uma experiência interna e única de cada pessoa. Já a orientação sexual, de certa forma, é externa, pois envolve como e para quem a pessoa sente atração.

A identidade de gênero não é uma essência interna, mas sim um efeito da repetição de normas culturais. É na performance — nas ações e expressões reiteradas — que o gênero se constitui. (BUTLER, 2003, p. 25)

A esse entendimento soma-se a perspectiva de Judith Butler (2003), ao afirmar que a identidade de gênero não é uma essência fixa, mas resultado de práticas performativas reiteradas, que se consolidam em contextos normativos. Jesus (2012) também observa que as pessoas transexuais lidam de formas variadas com o gênero ao qual se identificam, sugerindo que essa identificação pode se expressar de diferentes maneiras e intensidades. Isso destaca a fluidez e diversidade das experiências de gênero. Já Grossi (1998), apesar de argumentar contra a ideia de um terceiro gênero, define gênero como uma construção cultural, moldada pela sociedade em torno das ideias de masculinidade e feminilidade. Para Grossi, identidade de gênero é o lugar que o indivíduo ocupa nessa construção cultural, enquanto sexualidade se refere às práticas e sentimentos ligados à atividade sexual.

Portanto, enquanto a identidade de gênero é profundamente pessoal e interna, a sexualidade está mais conectada às relações e à forma como a pessoa interage romanticamente ou sexualmente com os outros. Essas definições ajudam a evitar confusões comuns entre os dois conceitos, deixando claro que gênero e sexualidade, embora relacionados, são aspectos diferentes da identidade humana.

Nedel (2020) argumenta que constituir-se como transgênero não está necessariamente ligado ao desconforto físico ou à necessidade de modificações corporais. O pensamento de que uma pessoa transgênero "nasceu em um corpo errado" é comum, mas não inteiramente verdadeiro, já que essa abordagem ignora fatores sociais e culturais. Para Nedel (2020):

Posicionar-se ou ser lido como trans não é apenas uma questão de identidade, porque a transgeneridade, bem como as questões de classe, raça e etnia, está enredada em relações de poder que fundamentam desigualdades macroestruturais. (Nedel, 2020, p. 27).

### **2.1.3 Travestis e Mulheres Transexuais**

Leite Jr (2011) acrescenta que as categorias "travesti" e "transexual" são invenções recentes. Enquanto a figura mais pesquisada no passado era a do hermafrodita, agora conhecido como intersexual, o termo "travesti", segundo Jesus (2012), é anterior ao de "transexual" e consolidou-se quase sempre de forma pejorativa, associada ao "travestir", ou "ser algo que não é". A distinção entre travestis e mulheres transexuais reside na identidade e trajetória de transição.

### **2.1.4 Drag Queens, Drag Kings e Performances de Gênero**

Por fim, as Drag Queens e Drag Kings (ou transformistas) são artistas que exploram a feminilidade ou masculinidade em suas performances. Essas apresentações, que não envolvem a identidade de gênero dos artistas, são, muitas vezes, confundidas por quem não conhece os conceitos. As Drag Queens são pessoas que se identificam como homens e que se vestem de acordo com padrões que a sociedade define como femininos, e as Drag Kings são pessoas que se identificam como mulheres e que, de acordo com o contexto cultural, performam uma masculinidade. Vale lembrar que essas performances não estão diretamente ligadas às identidades de gênero e sim ao entretenimento (Orientações sobre Identidade de Gênero: Conceitos e Termos). (Jesus, 2012)

## **2.2 FETICHIZAÇÃO E TRANSFOBIA: EFEITOS NA SAÚDE MENTAL TRANS**

Um outro aspecto a ser levantado está relacionado a fetichização de pessoas transgênero binárias e não-binárias, Worthen (2021) discute esse tema como um reflexo da cisnormatividade, que estabelece o ser cisgênero como o padrão. Esse processo reduz identidades trans a meras curiosidades ou desejos exóticos, desumanizando suas narrativas e reforçando estereótipos. A objetificação das pessoas trans isola ainda mais suas vivências, cujas lutas são muitas vezes simplificadas e distorcidas.

A transfobia e o preconceito social e familiar exercem impactos profundos na saúde mental de pessoas trans e da comunidade LGBTQIAPN+, como evidenciado por diversos estudos. A violência transfóbica, por exemplo, gera sentimentos de rejeição e isolamento social, o que intensifica sintomas de depressão e eleva os índices de ideação suicida nessa população, como comprova Chinazzo *et al.* (2021), quando diz que a violência transfóbica gera sentimentos de rejeição e isolamento, afetando diretamente a saúde mental das pessoas trans, levando a um risco maior de depressão e comportamento suicida. Este cenário de exclusão é um fator que aumenta o sofrimento psicológico diário, especialmente em países como o Brasil, onde os índices de violência contra pessoas trans são alarmantes.

Além disso, ainda de acordo com Chinazzo *et al.* (2021) os índices de sintomas depressivos foram altos: 67,20% reportaram sintomas significativos, enquanto 67,72% já tiveram ideação suicida. Tentativas de suicídio foram relatadas por 43,12% dos participantes, sendo que 80,50% associaram essas tentativas ao fato de serem pessoas trans. Esses dados reforçam a conclusão de que as dificuldades enfrentadas por essa população não estão ligadas a suas identidades de gênero em si, mas a estigmas e violências sociais.

Entre os fatores de estresse, 67,50% dos participantes evitaram locais públicos por medo de agressões, e 32,80% apresentaram preconceito internalizado em nível extremo. Em relação ao apoio à identidade trans, 26,72% reportaram apoio extremo. Quando analisadas as regressões para sintomas depressivos, observou-se que o preconceito internalizado extremo aumentou o risco de depressão em 41%, e o preconceito antecipado aumentou em 39%. A passabilidade também foi significativa, aumentando em 29% o risco de sintomas depressivos em pessoas com baixa passabilidade, enquanto o apoio à identidade trans e suporte afetivo reduziram esses sintomas em 28% e 43%, respectivamente.

Para a ideação suicida, o preconceito antecipado aumentou o risco em 20%, e o preconceito internalizado extremo elevou o risco em 70%. A baixa passabilidade aumentou a ideação suicida em 28%, mas o apoio extremo à identidade trans e o suporte afetivo reduziram a ideação suicida em 27% e 34%, respectivamente. Esses dados mostram a influência negativa de preconceitos e falta de apoio social, enquanto o suporte afetivo e aceitação têm um impacto positivo na saúde mental da população trans.

Ademais, o preconceito institucional nos serviços de saúde agrava ainda mais essa situação. Travestis e mulheres transexuais enfrentam barreiras no acesso ao atendimento médico adequado, como descrito por Zica (2024). A discriminação presente nesses ambientes de saúde não só prejudica o tratamento físico, mas também afeta diretamente o estado mental desses indivíduos, ampliando as desigualdades e intensificando os transtornos emocionais. Essa falta de acolhimento pode ser atribuída a um preconceito estrutural que desumaniza e marginaliza as experiências trans, criando obstáculos insuperáveis para que essas pessoas alcancem uma saúde plena.

Além de toda a negligência que o Estado brasileiro tem com a comunidade T, o preconceito ainda continua sendo a principal força-motriz que impossibilita o reconhecimento dos diversos problemas que assolam essa população, inclusive os afetamentos psicológicos. Souza *et al.* (2022, p.6).

Acresce que o conceito de necropolítica<sup>3</sup>, explorado por Souza *et al.* (2022), reflete como o Estado contribui para a manutenção da exclusão social das pessoas trans, negando-lhes acesso adequado aos serviços de saúde e outros direitos básicos. A necropolítica, ao decidir quem merece viver ou morrer, intensifica o sofrimento psicológico dessa população. Como afirmado no estudo, "a necropolítica manifesta-se através da falta de acesso a serviços de saúde adequados, gerando sofrimento mental intenso nas pessoas trans" (Souza *et al.*, 2022).

O preconceito familiar também é um fator importante a ser considerado. A rejeição por parte da família agrava o isolamento social, comprometendo o suporte emocional que deveria ser a base do bem-estar psicológico de qualquer pessoa. Souza *et al.* (2020) enfatiza que a rejeição familiar é uma das principais causas do sofrimento psíquico em pessoas LGBTQIAPN+, agravando o risco de transtornos emocionais severos. Essa rejeição, aliada ao preconceito social, cria um ciclo vicioso de exclusão que afeta diretamente o bem-estar mental e emocional da comunidade.

Para além do impacto direto na saúde mental, a rejeição familiar vivenciada por pessoas LGBTQIAPN+ frequentemente contribui para uma sensação de

---

<sup>3</sup> **Necropolítica**: conceito desenvolvido por Achille Mbembe para descrever práticas de controle social em que o poder define quais vidas são consideradas dignas de proteção e quais podem ser expostas à violência ou ao abandono. A necropolítica aborda a forma como o poder exerce controle sobre a vida e a morte, especialmente de grupos marginalizados, por meio de políticas públicas, estruturas sociais e forças de segurança.

desamparo e vulnerabilidade que pode se refletir em várias esferas de sua vida, incluindo o desempenho educacional, oportunidades de emprego e relacionamentos interpessoais. Ainda segundo Souza *et al.* (2020), a exclusão e o preconceito por parte de familiares, combinados ao estigma social, reforçam a marginalização dessas pessoas, fazendo com que enfrentem um ciclo contínuo de exclusão e estresse social. Essa realidade é potencializada quando os indivíduos, já fragilizados pelo contexto familiar, encontram obstáculos e preconceitos similares no ambiente social e profissional. Erika Hilton é um exemplo de resistência e superação diante do preconceito e das dificuldades impostas por uma sociedade excludente. Durante sua juventude, foi expulsa de casa devido à pressão do fundamentalismo religioso que afetou sua família. Aos 15 anos, encontrou-se nas ruas, onde enfrentou a prostituição como única alternativa para sobreviver. Apesar das adversidades, Erika cultivou a força nos estudos, que desde cedo representaram um refúgio das violências que vivenciava. Por volta dos 20 anos, foi resgatada por sua mãe, que, movida pelo amor, reconstruiu o vínculo familiar e a incentivou a buscar novos caminhos. (Revista Cult, 2021).

Como resultado dos preconceitos e obstáculos, há uma tendência maior dessas pessoas desenvolverem quadros graves de ansiedade, depressão e outros transtornos psíquicos. Estudos apontam que essa exclusão social impacta significativamente o acesso a uma rede de suporte estável e saudável, essencial para o fortalecimento psicológico e a resiliência diante dos desafios cotidianos.

### **2.3 BEM-ESTAR TRANS: IMPACTOS DA TERAPIA E BLOQUEIO HORMONAL**

Por outro lado, a terapia hormonal tem se mostrado uma ferramenta essencial no apoio à saúde mental de jovens transgênero. Estudos revelam que a transição hormonal, especialmente iniciada na juventude, contribui para a melhora do bem-estar psicológico, reduzindo significativamente os níveis de depressão e ansiedade. O uso de bloqueadores de puberdade, por exemplo, oferece a oportunidade de explorar a identidade de gênero sem as pressões das mudanças corporais irreversíveis, promovendo um ambiente de aceitação e estabilidade emocional (Gatti *et al.*, 2024).

Segundo o site Medicina de Excelência:

Os bloqueadores de puberdade são medicamentos usados no tratamento de jovens transgêneros adequadamente diagnosticados e que desejam evitar o desenvolvimento de características secundárias indesejadas no seu sexo atribuído, mas que ainda não têm idade suficiente para se comprometerem com as mudanças permanentes da terapia hormonal (Medicina da Excelência, 2024).

O site contextualiza que os efeitos do tratamento hormonal para transição de gênero são diferentes dos efeitos dos bloqueadores hormonais, que são completamente reversíveis. Assim, qualquer jovem que desista da transição pode interromper o uso dos bloqueadores e retomar a puberdade original sem prejuízo. Dessa forma, o tratamento oferece tempo para que a pessoa questione sua identidade de gênero, sem ceder às pressões do tempo e à mudança radical que é erroneamente atribuída aos bloqueadores hormonais (Medicina de Excelência, 2024).

Nessa mesma lógica, o artigo de Silva *et al.* (2024), aborda a compreensão equivocada que algumas pessoas têm ao confundir bloqueadores de puberdade com a terapia hormonal afirmativa. Segundo os autores, o bloqueio de puberdade é uma intervenção reversível, que visa apenas interromper temporariamente o desenvolvimento físico, enquanto a terapia hormonal envolve a introdução de hormônios para o desenvolvimento de características sexuais secundárias do gênero com o qual a pessoa se identifica. Os bloqueadores de puberdade não causam mudanças irreversíveis, mas pausam o avanço da puberdade para permitir que a pessoa tenha mais tempo para explorar sua identidade.

O artigo também argumenta que os bloqueadores hormonais desempenham um papel crucial ao permitir que jovens trans tenham tempo para explorar sua identidade de gênero antes de enfrentar mudanças corporais irreversíveis. Ao interromper temporariamente a puberdade, esses bloqueadores evitam o desenvolvimento de características sexuais secundárias, como o crescimento de pelos faciais ou o aumento das mamas, que podem intensificar o desconforto e a disforia<sup>4</sup>. Essa intervenção fornece, portanto, um período de reflexão sem o impacto psicológico de transformações físicas indesejadas.

A transição de gênero é uma forma de hackear o sistema sexopolítico, reescrevendo os códigos de gênero impostos pela biopolítica heteronormativa. (PRECIADO, 2014, p. 32)

---

<sup>4</sup> **Disforia de gênero:** Desconforto intenso com o sexo biológico que leva a um desejo de viver como o gênero com o qual a pessoa se identifica. Esse desconforto pode afetar a vida social e emocional, e pode ser amenizado com apoio psicológico e, em alguns casos, intervenções hormonais ou cirúrgicas.

Para o autor, as tecnologias de transição — como bloqueadores e hormônios — devem ser compreendidas não apenas como práticas médicas, mas como ações micropolíticas que questionam o regime cisheteronormativo.

Adicionalmente, o uso dos bloqueadores hormonais tem sido compreendido como uma estratégia de suporte ao bem-estar psicológico, pois minimiza os sentimentos de alienação e sofrimento frequentemente associados às transformações corporais involuntárias. Estudos recentes apontam que jovens com acesso a essa intervenção apresentam menores índices de ansiedade e depressão, reforçando o argumento de que o adiamento da puberdade pode ser uma ferramenta benéfica para decisões mais conscientes sobre a transição de gênero (SILVA et al., 2024, p. 95-114)

Através do corpo se manifestam e se dão a conhecer universos inteiros, experiências sociais específicas e múltiplas vozes, revelando pautas relacionadas a lutas históricas que se repetem e se atualizam no tempo. (Britto, 2024, p. 24)

Em suma, a violência transfóbica, o preconceito institucional e a rejeição familiar se inter-relacionam, formando um sistema de exclusão que aprofunda os impactos psicológicos sobre a população LGBTQIAPN+. Por outro lado, intervenções afirmativas, como a terapia hormonal, oferecem um caminho positivo para mitigar parte desse sofrimento, permitindo que essas pessoas encontrem um espaço de segurança e aceitação em suas jornadas de autodescoberta e transição. O reconhecimento desses fatores e a implementação de políticas públicas inclusivas e livres de preconceitos são essenciais para reverter esse cenário e promover uma saúde mental integral para essa população.

Ao refletir sobre os desafios enfrentados pelas pessoas transgênero, transexuais e travestis, fica claro que suas jornadas de autodescoberta e afirmação de gênero são repletas de complexidades. Desde o reconhecimento interno da própria identidade até a decisão de se apresentar ao mundo conforme essa identificação, cada percurso é moldado por influências pessoais, culturais e sociais. A marginalização, a transfobia e a falta de acolhimento familiar e institucional intensificam o sofrimento psicológico dessas pessoas, o que evidencia a urgência de ações afirmativas e a criação de espaços seguros e acolhedores.

Nesse contexto, o design social emerge como um catalisador para a inclusão e a empatia. Sua função vai além da estética: é um compromisso com a criação de soluções que acolham e respeitem as realidades de indivíduos historicamente marginalizados, como a população trans. Consciente do impacto de seu trabalho, o designer deve assumir um compromisso ético com a empatia, buscando entender as experiências e necessidades das pessoas trans para construir espaços visuais e físicos que promovam a representatividade e o respeito.

Para abordar questões trans, trabalhar com personas e identidades diversas seria imprescindível, buscando uma compreensão profunda das vivências dessas pessoas. Ao criar perfis de personas reais, o designer tem a oportunidade de desenvolver materiais inclusivos e que atendam, de maneira precisa, às necessidades de acolhimento e pertencimento do público. Essa abordagem é fundamental para desafiar estereótipos e evitar caricaturas que desrespeitem a diversidade, oferecendo uma visão mais autêntica das experiências trans.

O design social também pode atuar como uma ferramenta educativa, abordando temas como identidade de gênero e orientação sexual de forma acessível. Infográficos e outros materiais visuais facilitam a compreensão e a empatia, enquanto campanhas contra a transfobia e a fetichização reforçam o respeito à diversidade. A criação de conteúdos visuais informativos sobre saúde mental e apoio à juventude trans, utilizando cores suaves e layouts acolhedores, contribui para ambientes que incentivam o autocuidado e a autoestima.

Além de criar conteúdos, o design social deve englobar espaços físicos e digitais acolhedores onde pessoas LGBTQIAPN+ possam se sentir seguras para explorar e expressar suas identidades. A escolha cuidadosa de elementos visuais e de linguagem ajuda a estabelecer uma atmosfera de respeito e acolhimento, na qual as pessoas trans se sentem vistas e respeitadas.

Outro aspecto relevante é o fortalecimento das narrativas trans. Zines, livros e exposições proporcionam plataformas para compartilhar histórias reais, permitindo que vozes trans sejam ouvidas e compreendidas. Essa representação empática ajuda a desmistificar preconceitos, promovendo um ambiente inclusivo e compassivo, onde as pessoas trans encontram visibilidade e reconhecimento.

Por fim, o design social também pode atuar como uma ferramenta para promover políticas públicas inclusivas e facilitar o entendimento sobre direitos e

demandas da população trans. Esse trabalho contribui para o engajamento social, gerando empatia e conscientização, e construindo uma sociedade mais justa e igualitária.

Assim, o design social se torna um agente transformador, apoia a afirmação de gênero e o bem-estar das pessoas trans e LGBTQIAPN+ por meio da empatia, inclusão e representatividade. Dessa forma, transforma de alguma maneira a percepção social, promovendo uma convivência mais humana e acolhedora.

### **3 DESIGN COMO EXPRESSÃO DAS JORNADAS DE AUTODESCOBERTA**

Este projeto visa explorar e dar visibilidade às trajetórias únicas de pessoas transgênero, transexuais e travestis. Em um primeiro momento, busca-se escutar profundamente os relatos singulares dessas pessoas, criando um espaço seguro e acolhedor onde suas histórias possam ser compartilhadas com sinceridade e respeito. A proposta é ouvir não apenas com os ouvidos, mas com o coração, absorvendo as nuances de suas vivências, reconhecendo as camadas de desafios, conquistas e sonhos que compõem suas jornadas. Por meio de representações visuais, buscará capturar essas experiências, destacando a singularidade de cada trajetória de autodescoberta e a beleza da diversidade de gênero. A intenção é homenagear essas vivências e reforçar a importância de uma sociedade que respeite e valorize as identidades trans de forma plena e autêntica.

Para alcançar uma conscientização mais acessível e acolhedora, o projeto utilizará uma linguagem próxima e humanizada, sem tons mecânicos ou distantes. Ele também se destinará a acolher outras pessoas trans, especialmente aquelas que, em algum momento, se sentiram sozinhas em sua jornada, demonstrando que suas histórias são valiosas e que há um espaço legítimo para suas vozes.

Ao explorar o cotidiano das pessoas trans de forma natural e humana, o projeto pretende desmistificar preconceitos e apresentar uma visão mais justa e real de suas vivências. Mais que promover conscientização, o objetivo é despertar empatia e respeito, revelando que, além dos estereótipos transfóbicos e fetichistas, as pessoas trans têm histórias, desafios e conquistas que merecem ser escutados e valorizados.

### **4 FRAGMENTOS DE EXISTÊNCIA:**

#### **Vozes Trans em Primeiro Plano**

## **4.1 ROTEIRO DE ENTREVISTA**

O roteiro de entrevista foi elaborado com o objetivo de guiar as conversas realizadas com pessoas trans, permitindo que suas vivências, percepções e reflexões fossem exploradas de forma sensível e respeitosa. Sua estrutura foi planejada para garantir versatilidade funcional, possibilitando sua aplicação em diferentes contextos: tanto em entrevistas presenciais quanto como questionário virtual, para atender pessoas de outras cidades ou estados, ou aquelas que preferissem responder de forma remota.

Buscou-se construir um espaço de diálogo que possibilitasse a expressão de pensamentos de maneira mais sensorial, explorando memórias, emoções e imagens que pudessem enriquecer a narrativa e oferecer subsídios para o trabalho artístico e analítico. Essa abordagem permitiu que as respostas transcendam relatos factuais e contribuam para a construção de um registro mais profundo e conectado às experiências subjetivas dos participantes.

A seguir, apresenta-se o roteiro utilizado, composto por, ao todo, 38 perguntas que permitem respostas detalhadas e espontâneas. Este roteiro serviu como um ponto de partida, sendo adaptado conforme o desenrolar dos encontros e as especificidades de cada participante.

As transcrições completas das conversas realizadas, assim como as respostas ao questionário, estão disponíveis nos apêndices ao final desta monografia. Essa organização permite preservar a integridade dos relatos e facilitar o acesso às respostas detalhadas, enriquecendo a compreensão das experiências trans abordadas neste trabalho.

<b>ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA PARA A REALIZAÇÃO DE ENTREVISTAS NÃO DIRECIONADAS</b>

## **ROTEIRO DA ENTREVISTA**

### **1. Introdução ao questionário**

**Primeira etapa: a experiência de responder ao questionário**

**Geral**

**Pessoas pretas binárias/não binárias**

### **PRIMEIRA ETAPA: A experiência de responder ao questionário.**

1. Você já participou de uma pesquisa antes?
2. Como se sentiu ao ser convidado(a) para participar desta pesquisa?
3. O que você acha de uma pesquisa preocupada em promover acessibilidade à informação e estimular uma poética visual que sensibilize e eduque o público?
4. Como é para você compartilhar sua história e experiências em uma conversa com outra pessoa da comunidade trans?
5. Você deseja ser identificado no projeto? Ou prefere que criemos um nome fictício?

### **SEGUNDA ETAPA:**

#### **1. Para pessoas transgênero em geral**

#### **Parte 1: Autodefinição e contextualização**

1. Gostaria de começar se apresentando? Qual é seu nome, raça, como você se identifica (em relação à gênero) e quais pronomes você utiliza?
2. Poderia compartilhar um pouco da sua história, como você se descreveria?
3. Quais são seus interesses e hobbies? Existe algo em especial que você gosta de fazer no tempo livre? E no dia a dia, como é o seu trabalho ou seus estudos? Você sente que sua identidade de gênero impacta, de forma direta

ou indireta, nessas atividades ou nos ambientes onde você vive essas experiências?

4. Qual foi a primeira coisa que você fez depois de se assumir publicamente? Como você se sentiu? Consegue descrever usando sensações, como "foi como pisar na grama úmida" ou "sentir a maresia"?
5. Alguém te ajudou a se aceitar no começo? Quem foi essa pessoa e como ela te ajudou?
6. Teve algum momento muito difícil que te marcou? Você pode contar? (Se quiser, pode falar de mais de um momento).
7. Quais foram as maiores dificuldades emocionais que você enfrentou enquanto se descobria? Consegue usar descrições sensoriais para explicar, como "parecia um espinho no pé"?
8. O que te faz sentir mais forte e confiante sobre quem você é? Como, por exemplo, se conectar com pessoas que passaram por algo parecido ou estudar mais sobre o tema.
9. Tem algum símbolo ou imagem que represente sua jornada de autodescoberta?
10. Se você pudesse desenhar um momento importante da sua vida como pessoa trans, qual seria esse momento?
11. Se você pudesse conversar com o seu "eu" mais jovem, o que você diria sobre tudo o que passou?

## **Parte 2: Da relação com o Eu**

1. Tem alguma situação em que você sente euforia de gênero? Como você descreveria essa sensação?
2. Como é sua relação com seu corpo hoje? O que mudou depois que você se assumiu?
3. Existe uma música, livro ou obra de arte que te ajudou a entender ou expressar sua identidade de gênero?
4. Se sua identidade de gênero fosse uma cor e/ou um elemento da natureza, qual seria e por quê?

### **Parte 3: Da relação com amizades, amores românticos e familiares**

1. Como seus amigos reagiram durante sua transição? Algo mudou nas suas amizades?
2. Como sua identidade de gênero influencia seus relacionamentos amorosos? Quais foram as maiores dificuldades? Você encontrou alguma maneira de lidar com isso?

### **Parte 4: Das vivências em sociedade**

1. Na região onde você mora, existem redes de apoio para pessoas trans? Como é o acolhimento dessas redes na sua comunidade?
2. Você sente que as pessoas da sua região estão informadas sobre questões de identidade de gênero? Como isso afeta sua vivência no dia a dia?
3. Quando você está andando nas ruas da sua cidade, qual é a sensação predominante? Você se sente mais acolhido(a) ou em alerta?
4. Há algum lugar ou ambiente na sua região onde você se sente realmente seguro(a) para ser quem é? Como esse lugar impacta sua vivência?
5. Quais sons, imagens ou situações na sua região lembram você dos desafios ou alegrias de ser trans? Existe algum detalhe que sempre chama sua atenção nesses momentos?
6. Quais desafios específicos você enfrenta como pessoa trans em sua região, seja em espaços públicos, no trabalho ou no ambiente familiar?
7. Se você pudesse criar uma sociedade ideal para pessoas trans, qual seria a primeira coisa que mudaria?

### **2. Para pessoas pretas trans binárias e não-binárias**

1. Como a sua raça influenciou e influencia a sua transição?

<ol style="list-style-type: none"> <li>2. Quais desafios específicos você enfrentou por ser uma pessoa trans e de uma raça/etnia marginalizada?</li> <li>3. Você acha que sua raça influencia a forma como a sociedade espera que você se comporte em relação à sua identidade de gênero?</li> <li>4. Quais barreiras sociais você sente que são mais difíceis de superar por ser uma pessoa trans de uma raça/etnia marginalizada?</li> <li>5. Houve momentos em que você sentiu que precisava "escolher" entre lutar contra o racismo ou a transfobia? Como isso afeta sua jornada?</li> <li>6. Houve momentos em que você sentiu que precisava "escolher" entre lutar contra o racismo ou a transfobia? Como isso afeta sua jornada?</li> <li>7.</li> <li>8. Qual é o impacto emocional de vivenciar preconceito duplo — racial e de gênero — em seu dia a dia? Como você encontra forças para continuar?</li> <li>9. Você já teve dificuldade em encontrar um espaço seguro que acolhesse sua identidade de gênero e racial ao mesmo tempo? O que esse espaço significaria para você? Você encontrou?</li> </ol>
<p><b>Extra</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Teria algo mais a adicionar, que não lhe foi perguntado?</li> </ol>

*Tabela 1 – Roteiro de entrevista*

#### **4.2 ONDE A ESCUTA HABITA: Relatos dos encontros**

Permita-me, neste momento, adotar um tom mais pessoal para compartilhar as experiências vividas durante os encontros. Ao longo dessas conversas, houve um atravessamento de histórias que não apenas iluminaram aspectos do projeto, mas também fizeram perceber a profundidade e a singularidade de cada vivência. A riqueza das experiências compartilhadas, permeadas por sentimentos, relações, desafios e conquistas, revelou como cada trajetória carrega um universo próprio. Esses relatos que convidaram a refletir sobre o poder transformador da singularidade

humana e a importância de acolher as diferenças como parte essencial da nossa existência coletiva.

A primeira entrevista, realizada em um tom de conversa descontraído e leve, foi marcada por uma atmosfera de espontaneidade. Além de proporcionar um espaço para o compartilhamento de experiências de vida, essa ocasião também deu a oportunidade de reencontrar um colega, cuja história resgatou memórias importantes e momentos significativos das trajetórias. Durante a conversa, o sentimento de gratidão tomou frente ao perceber o longo caminho trilhado, cada um à sua maneira, enfrentando desafios e celebrando conquistas.

A reunião ocorreu na Área 3 da PUC Goiás, durante o período matutino, em um ambiente que ofereceu conforto e tranquilidade tanto para mim quanto para o entrevistado. A localização acessível contribuiu para que ele chegasse ao local sem dificuldades, favorecendo uma experiência positiva desde o início.

O encontro com a segunda entrevistada ocorreu em uma sorveteria, um ambiente descontraído, embora estivesse um pouco movimentado naquele momento. Apesar do cenário menos tranquilo, essa conversa foi profundamente marcante e me fez refletir sobre a grandeza da diversidade humana e sobre como é gratificante contribuir, de alguma forma, para melhorar a qualidade de vida de pessoas que, muitas vezes, são deixadas à margem pela sociedade.

A entrevistada, apesar do deslocamento longo e demorado que acabou gerando um pequeno atraso, chegou ao local com a mesma simpatia que já havia demonstrado em um encontro anterior. Educada, culta e inteligente, ela rapidamente conquistou admiração, reafirmando a impressão positiva que já passava. Sua presença irradiava uma energia única, e sua habilidade de se expressar transformava a conversa em algo que poderia ouvir por horas sem notar o tempo passar.

Em vários momentos, pensava no privilégio de estar ali, ouvindo e aprendendo com alguém que, com coragem e determinação, se movimenta em busca de seus sonhos e ideais, enfrentando desafios com uma resiliência admirável. A fluidez de sua fala e as palavras sinceras criaram um espaço seguro para a expressão de sentimentos e reflexões, fortalecendo e engrandecendo o propósito da entrevista.

Foi impossível não ficar emocionado com sua visão de mundo e com a maneira como ela transformava suas experiências em ensinamentos. Mais do que uma simples entrevista, foi um momento de aprendizado profundo, sobre força,

empatia e a importância de criar espaços que respeitem e celebrem as singularidades de cada pessoa. Saí daquele encontro não apenas com anotações para o projeto, mas com uma sensação de renovação e inspiração, como se tivesse sido presenteado com uma conversa que me marcou profundamente.

A penúltima entrevista foi realizada com um casal, conduzida à noite em uma praça próxima à residência de [L.], escolhida por sua proximidade e pela expectativa de tranquilidade. O local e horário foram escolhidos devido à rotina intensa de trabalho dos dois entrevistados, que só tinham disponibilidade naquele momento. Foi o primeiro contato presencial com [A.], embora já conhecesse a outra entrevistada. No entanto, a praça estava mais movimentada do que o esperado, o que gerou certo desconforto e nos levou a tentar encontrar um local mais calmo, sem sucesso.

Apesar das dificuldades impostas pelo ambiente, a conversa seguiu até o final, e o momento se mostrou enriquecedor. O casal compartilhou suas histórias de vida de forma detalhada e envolvente, permitindo uma imersão em cada assunto singular. Foi possível perceber não apenas os desafios que enfrentam, mas também as conquistas que celebram e, acima de tudo, o apoio mútuo que encontraram na relação, algo que claramente os fortalece em suas jornadas.

Embora estivesse constantemente atento à movimentação ao redor, preocupado com o impacto do ambiente sobre o conforto deles, ambos demonstraram uma postura admirável. Com leveza e naturalidade, conduziram a conversa, minimizando qualquer desconforto e contribuindo para que a troca de histórias permanecesse genuína e significativa.

O nível de detalhamento com que relataram suas trajetórias foi marcante e a maneira como narraram suas experiências permitiu que eu compreendesse os caminhos percorridos por cada um, desde os momentos de luta até as descobertas pessoais e as formas de resistência que cultivaram.

Ao final, mesmo diante das adversidades, o encontro trouxe valiosas reflexões sobre as inúmeras formas de construir laços de afeto e segurança. Ele também reforçou a importância de criar espaços para ouvir histórias como as deles, que são ricas, transformadoras e que carregam o potencial de inspirar não apenas o projeto, mas também uma compreensão mais ampla e humana das relações e vivências trans.

Por fim, a última entrevista, com [O.], ocorreu no período noturno, em sua própria casa. Por ser um ambiente conhecido pelo entrevistado, ele estava bem à

vontade. Foi uma conversa profunda, pesada e extremamente reflexiva, para ambos. Envolvendo assuntos como vícios e relacionamentos afetivos. O entrevistado falou sobre as mudanças de ambientes em que ele frequentava, desse modo me fazendo refletir e perceber sobre como de fato o ambiente tem intervenção direta nos sentimentos e vivências do ser humano. Ao dialogar com ele, percebi também a importância das amizades e do acolhimento familiar na vida das pessoas transgênero.

### **4.3 CATEGORIZAÇÃO TEMÁTICA DOS RELATOS: Análise de Conteúdo**

Com base na metodologia de análise de conteúdo proposta por Bardin (2015), as entrevistas foram transcritas, organizadas e submetidas a um processo de leitura flutuante, seguido pela identificação de unidades de sentido. Abaixo, apresentam-se as principais categorias temáticas emergentes, com suas respectivas descrições e excertos representativos:

#### **Categoria 1 – Validação Social e Passabilidade**

Refere-se aos momentos em que os participantes se sentem reconhecidos socialmente conforme seu gênero. Inclui episódios cotidianos em que a passabilidade impacta diretamente na autoestima.

“Sim. Por exemplo, no ponto de ônibus ontem [...] ela olhou, parou, olhou e sentou do lado das minas. Aí eu fiquei tipo... Caralho, parceiro. Eu sou um homem.”

“Foi quando a senhora, no ônibus, pediu pra eu ajudar [...] Ela falou, 'moço, levanta essa sacola' [...] foi o primeiro momento que uma pessoa realmente acertou o meu pronome.”

#### **Categoria 2 – Afetividade e Acolhimento Familiar**

Agrupa relatos sobre o papel da família, amizades e relações afetivas no processo de aceitação da identidade de gênero.

“Ela me tratava como uma identidade masculina como qualquer outra.”

“Você me ama. Como sou. Simples assim.”

“Alguém te ajudou a se aceitar no começo? Quem foi essa pessoa e como ela te ajudou?”

#### **Categoria 3 – Autoimagem, Corpo e Resistência**

Diz respeito às experiências com o corpo, disforia, autoaceitação e resistência simbólica frente à transfobia.

“Eu sempre fui uma pessoa com muita disforia de gênero [...] Atualmente isso não acontece mais.”

“Quando me reconheci enquanto mulher trans foi um processo doloroso [...] foi a melhor decisão que já tomei.”

“Eu não sou uma alma num corpo errado. Eu sou trans, e eu nasci trans, e é o que eu sou.”

## **5 PROCESSO CRIATIVO E DESENVOLVIMENTO DO PROJETO**

Na busca por representar as vivências transgênero de forma sensível e acessível, ao mesmo tempo em que se promovesse acolhimento e visibilidade, o design social desempenhou um papel central, priorizando as necessidades reais da comunidade trans. Essa abordagem possibilitou o desenvolvimento de um trabalho inclusivo, participativo e ético. Combinando design social, arte, poesia e ilustração, o projeto se propôs a ser uma ferramenta de transformação social, capaz de articular texto e imagem em uma narrativa que despertasse empatia e compreensão.

Pensando na força simbólica que um livro carrega — de conhecimento, acolhimento e interação —, surge a proposta de concebê-lo como um livro de artista. Cada página possui uma narrativa independente que, ao final, se conecta às demais, evidenciando as oscilações e complexidades de existir.

As categorias temáticas emergentes da análise de conteúdo forneceram subsídios diretos para a criação do livro de artista, atuando como estrutura narrativa, afetiva e simbólica do projeto gráfico. Cada elemento visual foi pensado em diálogo com os sentidos identificados nas falas, por exemplo, a sensação de passabilidade foi traduzida por meio da transparência e camadas sobrepostas; já os relatos de resistência e de autoimagem corporal foram representados por traços orgânicos e composições que evocam desconstrução e reconstrução do corpo. Assim, a produção gráfica torna-se uma extensão visual da escuta, ressignificando as vozes coletadas em linguagem artística e editorial.

## 5.1 PROCESSOS CRIATIVOS E CURATORIAIS

Conforme a metodologia de análise de conteúdo proposta por Bardin (2015), após a transcrição das entrevistas, as falas foram submetidas a um processo de triagem inicial, com o objetivo de identificar unidades de registro representativas e semanticamente significativas. Esse processo corresponde à etapa de exploração do material, na qual se busca organizar o conteúdo bruto em categorias temáticas a partir de critérios de relevância e recorrência. A partir dessa triagem, procedeu-se à seleção final das falas mais expressivas, que não apenas fundamentaram as escolhas visuais e poéticas do livro de artista, mas também nortearam sua estrutura narrativa. Nesse sentido, a escuta atenta, compreendida como prática interpretativa sensível às pausas, entonações e afetos, foi essencial para captar a essência subjetiva das experiências. Em consonância com os princípios éticos da pesquisa, os relatos foram identificados apenas pelas iniciais dos nomes, garantindo o anonimato e respeitando os acordos estabelecidos com os participantes.

### QUADRO 1 - PRIMEIRA TRIAGEM

L.A.	<p>É, aquele geladinho. Quando você tá muito tempo sem respirar, aí você respira e dá aquele... alívio. E precisava de ar e aí soltava;</p> <p>...e eu sou muito dos jogos. Só que eu jogava sozinho. Eu tinha um microfone antes de eu tomar testosterona, mas não usava, não ligava o microfone. Porque meu "nick" tava lá, [L.A.] não sei o que, não sei o que. Eu não falava com ninguém;</p> <p>Aí depois eu comecei a tomar testosterona, minha voz começou a engrossar. Aí eu comecei a ligar e tive contato com os meus amigos virtuais que eu nunca tinha tido. Aí começamos a conversar. Porque eu sei que se eu ligasse o microfone antes da transição, todo mundo ia comentar;</p> <p>Sabe aqueles filmes de zumbi? Que todo mundo quer te pegar. Todo mundo em uma horda de zumbi. É uma multidão à sua volta, tu tá lá no meio sem poder sair, o corpo tá... Todo mundo tá te olhando, todo mundo tá querendo te pegar. Só que o encurralado não é contra a parede, é contra várias pessoas. Sensorialmente é assim;</p> <p>Antes da cirurgia, nada me fazia sentir assim. Nada. Porque qualquer coisa que eu botava dava pra ver. Aí depois da cirurgia, qualquer coisa. Eu comprei roupa colorida, eu comprei roupa. Eu não sei, parece que eu sou mais... Tipo assim, eu sou pan também, né?;</p> <p>Sim. Por exemplo, no ponto de ônibus ontem e eu tava indo pra faculdade.</p>
------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	<p>Não, eu tava indo pro trabalho. Tava indo pro trabalho, tava sentado no ponto. Tinha duas mulheres aqui, um espaço vazio e eu tava aqui, e outro espaço vazio. Chegou uma mina... Ela olhou, parou, olhou e ela sentou do lado das minas. Aí eu fiquei tipo... Caralho, parceiro. Eu sou um homem. Eu sou um homem, cara, que bosta. Tipo assim, sabe esse pensamento?;</p> <p>Cara, é uma coisa muito besta, é uma coisa muito boba. Foi quando a senhora, no ônibus, pediu pra eu ajudar ela a levantar a sacola. Ela falou, "moço, levanta essa sacola." Aí eu, "levanto, minha senhora! Agora". E eu tava no começo da transição. Então assim, eu tava bem... feminino. Eu era bem feminino. Assim, não tinha, minha cara era mais redondinha, era mais fina. E assim, acho que foi isso, por isso que me marcou tanto, porque eu acho que foi o primeiro momento que uma pessoa realmente acertou o meu pronome.</p> <p>Aí eu lembrei dessa senhora, uma sacola azul, tinha uma Air Fryer dentro, que não tava pesada, mas a velhinha era pequena, com cabelo branco. Ah, eu não lembro o nome dela. Acho que eu nem perguntei, mas ela falou "moço levanta", aí eu levantei.;</p>
M.F.	<p>Eu faço Ciências Sociais e Políticas Públicas. Sou especialista em implementação de políticas públicas de saúde e habitação, já. Tenho me especializado em caminhar meus estudos para as burocracias governamentais;</p> <p>Travesti no Brasil é um gênero que foge da binaridade, não só conceitualmente, mas também na minha própria performance isso se evidencia;</p> <p>Eu sou uma pessoa preta de pele clara, e aí eu evito usar a palavra pardo porque apesar de ser o formal, que deve ser algo que não tá errado em ser usado, é algo que o movimento negro como um todo costuma repudiar isso porque na construção do colorismo no Brasil a gente tem um processo de embranquecimento das pessoas negras conforme elas iam avançando na vida, entre de aspas, sabe? E aí nisso foram surgindo vários termos que fogem a palavra negro, negra, porque isso é uma forma de diferenciar essas pessoas;</p> <p>Eu acho que para além de mudar o meu mundo, a minha vida, eu sempre estive comigo, no foco, mudar a vida das outras pessoas que estão comigo também, sabe?;</p> <p>Para além de acessar esses lugares que eu acesso, eu tento sempre, de alguma forma, travar as minhas lutas para que outras pessoas também possam acessar;</p> <p>E aí, além disso, eu consegui também, sou autora do projeto de lei que implementou cotas na UFG;</p>

A gente sempre sabe da importância de lutar por inclusão de pessoas trans na educação, sabe? Porque a gente sabe que nós somos o quê? Menos de 1% de toda a população que está ali dentro, sabe? E a nossa expectativa de vida ainda é muito pequena, tanto para pessoas transfemininas quanto para pessoas transmasculinas. A expectativa de vida é de 35 anos;

Eu lembro que eu sempre fui muito... sempre fui um bichona, nunca fui muito heteronormativa, desde criança mesmo, sabe? E aí desde criança sempre já escutava as clássicas frases, sabe? Sobre como devo me comportar, sobre eu virar homem, não sei o quê, não sei o quê...;

Fui me enviadecendo, enviadecendo, e quando vi eu já era travesti;

...eu lembro que eu assisti um filme, e aí eu lembro que depois eu fiquei com algumas questões, fiquei pensando, andando pela casa, e aí eu... eu peguei um vestido da minha irmã aí eu coloquei, aí depois eu tirei, aí depois eu vi o sol nascer e aí tava chovendo, aí eu fui na chuva. Uma coisa muito estranha, eu não sei explicar o que era isso. Aí eu sei que de manhã cedo eu tava na minha cabeça que talvez eu não era aquilo que tavam querendo que eu fosse, sabe? E aí meio que foi a chave virada de pensar "Eu não me vejo como homem e eu não quero ser um homem. Eu também não quero ser mulher. Também não me vejo como uma mulher. Eu acho que... O que eu sou?" E aí ali começou essa saga por tentar me encontrar, mas já sabendo que eu não tava dentro da binaridade, meu corpo não... A [M.], ela não é binária, ela não existe na binariedade, ela não consegue se encaixar dentro dessa caixinha;

Eu... acho que é uma procura eterna, né? Mas desde o começo dessa jornada, eu sempre me via muito sozinha, sabe? Muito... Eu sempre percebi que seria uma caminhada mais distante;

...teve uma fase na minha vida que eu passei rapidamente pela prostituição compulsória, como precisava de dinheiro. E aí eu sinto que isso meio que marcou muito a forma como eu comecei a me relacionar com o meu corpo, sabe? Chegou um certo momento que eu já tinha entendido que era isso, sabe? Eu acho que essa coisa de "conto de fadas" talvez não exista ou talvez não seja pra mim mesmo e todas as pessoas que se aproximam de mim sempre foram, e até hoje ainda é, muito nesse lugar de "quero algo no sigilo", "algo rápido", "quero experimentar algo novo" ou "quero só uma brincadeira, mas não vou estar com você amanhã de manhã", sabe?;

Sempre fui muito... Sempre senti que meu corpo sempre foi muito sexualizado e fetichizado por várias pessoas, mas nunca colocado em um lugar de afeto. Nunca fui vista como possibilidade de ser mãe. Como a possibilidade de ser namorada, de ser o amor de alguém, sabe? Isso nunca foi dado pra mim como uma possibilidade. E aí eu sinto falta disso. Por mais que eu tenha me acostumado, de certa forma, a estar sozinha

comigo mesma e entender que é isso, eu às vezes, vira e mexe, sinto falta. Me sinto mal de perceber que todo mundo parece que vai encontrar um afeto, um amor, um carinho, e talvez eu não, sabe?;

Eu acho que eu me desenharia talvez escutando música. Escutando música deitada na cama, depois de ter limpado a casa e estando bem comigo mesmo. São momentos super raros que acontecem, mas é super satisfatório você ter tomado um banho, estar super tranquilo consigo mesmo, e tá com a casa toda limpinha, tá super tranquila, escutando música. É tão confortável, sabe? E estar confortável consigo mesma, sabe? Tá pronto pra descansar, pra poder falar, tipo, "nossa, que bacana que eu fiz isso;

Eu sempre tive muito medo. Até hoje eu sou muito medrosa e tenho muita vergonha de muita coisa. Eu acho que eu ia falar pra mim mesma não ter vergonha de nada e experimentar as coisas. Não ter medo de não gostar de algo, sabe? E ir atrás;

Eu sinto que transcender as minhas relações, não de relacionamento, mas de amizades mesmo, me inserir em núcleo de pessoas mais trans, eu acho que foi fundamental pra mim. Porque perto de pessoas cis, no geral, eu sempre me sentia muito deslocada. Muitas vezes.

Eu sempre me sentia muito questionada. Em especial porque grande parte da minha vivência não é tão binária;

...no geral, acho que a questão de raça, ela perpassa a vivência como um todo, né? Desde muito pequena, você vai olhar as minhas fotos, eu tô sempre carequinha. Quando eu era menor. Porque o meu cabelo nunca era tido como um cabelo bonito;

Porque ninguém gostava do meu cabelo e eu não tinha poder pra decidir sobre o meu corpo, então "vamos lá". Mas a partir do momento que eu consegui ter o mínimo poder sobre o meu corpo eu falei "eu quero ter meu cabelo, eu quero ter cabelo grande, eu quero deixar meu cabelo crescer" e aí eu fui deixando crescer;

Talvez se desde cedo eu não tivesse escutado de professoras, de pessoas ao meu redor, que eu era feia, que o meu cabelo não prestava, escutar piadinhas super horrorosas de que meu cabelo era um cabelo de "bombril" e isso afeta a nossa autoestima. E principalmente quando a gente é criança, porque quando a gente é criança, a gente cresce querendo nos espelhar em quem está à nossa volta, querendo dar orgulho para quem está ao nosso redor;

E aí você pula pra mim, que desde sempre fui super afeminada, E aí assim, eu chego agora nos meus 24 anos sendo uma pessoa tímida. Por que eu sou tímida assim? O que acontece? Por que pessoas LGBT, como um todo, são pessoas mais tímidas? Pessoas com mais medo? Porque a gente cresce em um mundo que joga pra gente um monte de

	<p>inseguranças, de incertezas, de questões e vão nos colocando nesses lugares. E aí por que você tem medo de chegar nas pessoas? Por que você tem vergonha? Por que você tem medo de ficar sozinha? Porque a infância é um chão que você pisa a vida toda, né? E aí acaba que isso tudo tá entrelaçado com a minha questão racial, sabe? E aí eu só fui tomar conta da minha questão racial, só fui tomar conta do que que eu sou... Por que que as pessoas me chamam de "mestiça", por que as pessoas falam que eu sou "chocolate com café", por que as pessoas ficam fazendo tanta piadinha, por que elas me colocam nesse lugar...;</p>
I.S.	<p>...não abduco das minhas características fortes, pois elas me salvaram de muitas coisas na vida, o humor principalmente fazia com que as pessoas vissem em mim algo além, o que na maior parte das vezes me anulava de viver alguns preconceitos;</p> <p>Eu sempre fui uma pessoa com muita disforia de gênero, isso impactava nos meus relacionamentos porque muita coisa eu não queria permitir, alguns toques me incomodavam, era como se eu estivesse a maior parte do tempo me privando, atualmente isso não acontece mais;</p> <p>...alguns toques me incomodavam, era como se eu estivesse a maior parte do tempo me privando;</p> <p>...e essa mudança precisou de outra pessoa para que eu conseguisse me ver com olhos diferentes, ela me fez amar o que eu não amava em mim, isso me ajudou quase que 100% no meu processo de aceitação;</p> <p>...tenho problema para corrigir os outros e na maior parte das vezes acabo aceitando;</p> <p>...muitas vezes acontece de errarem meu pronome e toda vez que isso acontece uma parte de mim entra em choque, eu não consigo corrigir e me sinto mal, gera um tumulto de sentimentos;</p>
M.G	<p>É interessante as formas de expor a nossa existência perante a uma sociedade na qual nos marginaliza diariamente. Ainda e um pouco triste pensar que é necessário bater de frente com muitos para que a nossa comunidade tenha acesso a itens básico de sobrevivência;</p> <p>Quando me reconheci enquanto mulher trans foi um processo doloroso porque fui imposta a abrir mão de muita coisa por ser apenas eu. Mas ao mesmo tempo foi a melhor decisão que já tomei na vida, hoje viver livremente dentro do meu corpo e das minhas escolhas não tem preço;</p> <p>...sou maior que todo o preconceito das pessoas e que mereço sim existir e ocupar espaços;</p>
L.	<p>Eu gostaria que todas as pessoas trans tivessem a oportunidade de</p>

	<p>estudar e se sentir felizes e ter uma autoestima intelectual, porque corpo e beleza, a gente pode construir com hormônio, pode construir com cirurgia, mas no final a gente precisa ser alguém não para provar algo para ninguém, mas para provar para a gente mesmo, tipo assim “eu sei do que eu estou falando, eu sei o que eu estou fazendo, eu sou capaz, eu sou uma pessoa inteligente;</p> <p>...me aventurando em mim mesma;</p> <p>...eu sou uma mulher, eu me vejo como a mulher que eu sou, mas eu percebia que as pessoas não me viam como uma mulher, mas que me tratavam como uma, porque eu sabia que seria muito mais constrangedor não me tratar como uma mulher;</p> <p>Aí eu comecei a perceber que independente do quão mulher eu saiba que eu sou, ainda vão ter pessoas que nunca vão me ver como mulher e nunca vão me respeitar como mulher. E isso não é sobre nós, é sobre as outras pessoas.</p> <p>A gente precisa continuar com essa imagem, essa autoconfiança, essa auto credibilidade que a gente mesmo precisa se dar, porque em momento nenhum uma pessoa cis vai ficar passando a mão na sua cabeça e te ensinar como você tem que se sentir porque é só você que consegue lapidar quem você é;</p> <p>Então no final do dia, é você por você, você tem que acreditar em quem você é você tem que lutar por você mesma;</p> <p>É muito constrangedor pra si mesmo, você estar constantemente se olhando e se vendo como uma pessoa que você não é e tentando se esconder, tentando afastar uma imagem de quem você é pras pessoas, porque elas nunca vão fazer o menor esforço pra esconder o quão preconceituosas elas são;</p>
A.	<p>...será que essas pessoas realmente se interessaram por mim ou elas são só fetichistas?;</p> <p>Porque é difícil você perceber, se essa pessoa é só uma fetichista ou se ela realmente gosta de você;</p>
O.	<p>Ah, eu acho que pela primeira vez, assim, eu consegui gostar de mim, assim. Me olhar no espelho com mais tranquilidade;</p> <p>E aí, quando eu fui realmente me assumir uma pessoa transmasculina, eu acho que... Essa pressão de me aparentar logo uma identidade masculina, ser validado logo, as pessoas me reconhecerem como uma identidade masculina na rua, assim. Dentro dos ônibus, dos postinhos, assim. Virou uma agonia muito grande;</p> <p>O processo de auto-aceitação, ele é... Constante. Contínuo;</p>

Tinha momentos difíceis da vida de uma pessoa trans e que a gente só não sabe como compartilhar com outra pessoa, que o que resta é dar uma chorada mesmo no banho e reerguer a cabeça porque faz parte do processo, assim;

Porque eu vivi aqui a vida inteira eu acho que eu nunca me senti acolhido o suficiente pra transicionar na cidade em que eu nasci e cresci;

E eu acho que foi um momento que eu entendi que eu não era uma pessoa horrível assim, sabe? Que eu, de verdade, eu acho que foi um momento que eu entendi que eu não era uma pessoa horrível, que eu não era um corpo gordo, que por muitos anos eu jurei ser e eu entendi que eu era um corpo magro;

Que era completamente natural você ser uma pessoa assumida, tipo assim, que expressava... que expressa sua identidade de gênero de forma confortável, sabe? Pra mim foi natural, assim, me apresentar pela primeira vez como [O.] sabe?;

Eu namorar uma travesti também na época e que fazia parte da comunidade Ballroom também foi muito importante, porque mesmo que eu tivesse sido o primeiro namorado transmasculino dela e ela minha primeira namorada travesti...até por isso a gente aprendeu muita coisa juntos, sobre um, sobre o corpo do outro, sobre as identidades um do outro, assim. Sobre o que era natural um pro outro ou não, assim.

Vivências diferentes, compartilhadas mesmo ela me... ela agia como se fosse natural assim, tudo fosse muito natural. Mesmo que a gente tivesse questões a ser conversadas, assim, principalmente sexualmente.

Ela me tratava como uma identidade masculina como qualquer outra, assim, sabe?;

foi muito importante, assim, eu começar a naturalizar o meu corpo. Porque hoje em dia eu vejo quão bom foi isso pra minha autoestima!

Eu acho que eu não seria um trans tão satisfeito, tão feliz assim, como eu sou, sabe, se eu não tivesse aprendido a naturalizar o meu corpo enquanto pessoa trans, assim, e não como uma pessoa que nasceu no corpo errado. Mas como um homem de boceta. Com identidade masculina de periquito, que é o que eu sou;

Eu não sou uma alma num corpo errado, sabe? Eu sou trans, e eu nasci trans e é o que eu sou. Eu não tô em corpo de ninguém, sabe? Então, tipo...;

...eu tenho direito a gostar de mim mesmo, assim, enquanto o meu corpo, que eu cresci a vida inteira, que eu vivi nele a vida inteira sabe?;

Tipo, é muito difícil mesmo você, ainda mais sofrendo todas as violências que a gente sofre no dia a dia, assim, é difícil a gente aprender a gostar de

si. Então é muito mais que justo que eu naturalize o meu corpo;

As drogas, o álcool... Pra mim, elas são... Não sei se falaria uma válvula de escape, não. Eu cresci com a minha mãe chamando o momento em que ela deita na cama e joga o joguinho do Candy Crush dela... Ela chama de... Caixa do nada. Eu acho que foi onde eu aprendi a encontrar a minha caixa do nada, assim. Tipo... Eu... descanso. Minha cabeça para de falar. Sabe? Eu acho que é o momento em que eu consigo estar presente muitas vezes. Porque eu vivo muito de passado. Então, eu acho que as drogas, pra mim, são minha caixa do nada, assim. Eu... Eu recorro muito a elas. Mas, pra além disso, assim... outros vícios são presentes também, assim. De hábitos em que me colocam na minha caixa do nada, assim. E, às vezes, são hábitos que não são legais, sabe? Mas é o momento em que eu volto pra mim;

Eu vejo dessa forma, assim. Como se os transmasculinos fossem de uma forma mais... abrangesse mais identidades, que às vezes se identificam, sim, até talvez com o termo "homem trans", mas que muitas vezes, pela sociedade, elas não sejam... Sim, também.

Sabe? Eu acho que abrange diversos tipos de identidades masculinas;

Da mesma forma que a travesti antes também, ela não era nem vista. Depois ela se tornou muito chacota e aí ela foi muito assassinada. E a gente ainda talvez passe por esse processo, sabe? Porque ainda a diferença da transfobia da travesti, junto com a transfobia dos transmascs é que as travestis são vistas;

As pessoas não estão enxergando. E é isso, onde eles estão? Em buracos nas favelas, assim, becos. Sabe, tipo... E os homens trans? Eles também estão aí, mas cadê? Quem fala deles? Porque ou você é passável, você se passa como um homem cis e você passa a ser um homem cis, que as pessoas falam, "não, você é um homem trans, mas eu te vejo como um homem" ou você é visto como uma sapatão doida na rua, porque você, tipo assim... Você se veste como um homem;

Você não é validado, porque você não é visto;

Não que isso não aconteça até hoje. Mas é de uma forma que eu não quero morrer mais, sabe? É diferente. Completamente diferente. Até porque hoje o meu sofrimento também não envolve só a mim, mas outras pessoas ao redor, assim. Como a gente fala da sociedade. Pessoas trans, não sei o quê. Porque é isso. Pra além de transfobias, a gente sofre dificuldades em outras milhares de coisas;

Sempre tem uma coisa, uma questão interna pra gente estar resolvendo, porque é muito... Tudo é muito interno. Tudo é muito profundo;

Fonte: Dados coletados por meio de entrevistas realizadas em 2024 e 2025.

## QUADRO 2 - SELEÇÃO FINAL DAS CITAÇÕES

M.F.	<p>É uma procura eterna, né? Mas desde o começo dessa jornada, eu sempre me via muito sozinha, sabe? Muito... Eu sempre percebi que seria uma caminhada mais distante;</p> <p>Por que eu sou tímida assim? O que acontece? Por que pessoas LGBT, como um todo, são pessoas mais tímidas? Pessoas com mais medo? Porque a gente cresce em um mundo que joga pra gente um monte de inseguranças, de incertezas, de questões e vão nos colocando nesses lugares. E aí por que você tem medo de chegar nas pessoas? Por que você tem vergonha? Por que você tem medo de ficar sozinha? Porque a infância é um chão que você pisa a vida toda, né? E aí acaba que isso tudo tá entrelaçado com a minha questão racial, sabe?;</p>
L.	<p>Aí eu comecei a perceber que independente do quão mulher eu saiba que eu sou, ainda vão ter pessoas que nunca vão me ver como mulher e nunca vão me respeitar como mulher. E isso não é sobre nós, é sobre as outras pessoas;</p> <p>Então no final do dia, é você por você, você tem que acreditar em quem você é você tem que lutar por você mesma;</p> <p>É muito constrangedor pra si mesmo, você estar constantemente se olhando e se vendo como uma pessoa que você não é e tentando se esconder, tentando afastar uma imagem de quem você é pras pessoas, porque elas nunca vão fazer o menor esforço pra esconder o quão preconceituosas elas são;</p>
O.	<p>E eu acho que foi um momento que eu entendi que eu não era uma pessoa horrível;</p> <p>Que era completamente natural você ser uma pessoa assumida, tipo assim, que expressava... que expressa sua identidade de gênero de forma confortável;</p> <p>Tipo, é muito difícil mesmo você, ainda mais sofrendo todas as violências que a gente sofre no dia a dia, assim, é difícil a gente aprender a gostar de si. Então é muito mais que justo que eu naturalize o meu corpo;</p> <p>...a gente aprendeu muita coisa juntos, sobre um, sobre o corpo do outro, sobre as identidades um do outro, assim. Sobre o que era natural um pro outro ou não, assim.</p> <p>Vivências diferentes, compartilhadas mesmo ela me... ela agia como se fosse natural assim, tudo fosse muito natural. Mesmo que a gente tivesse questões a ser conversadas, assim, principalmente sexualmente;</p>

Fonte: Dados coletados por meio de entrevistas realizadas em 2024 e 2025.

### 5.1.1 Criação dos textos

O processo de elaboração do produto envolveu escolhas intencionais de ritmo, tom e estrutura, com o objetivo de traduzir sensações, medos, alegrias e esperanças. Cada página do livro, poesia e ilustração foi planejado para acolher, provocar e convidar à reflexão, para que a obra transcendesse a mera compilação de relatos, sendo concebida a partir da combinação entre a impressão do autor após cada entrevista, as falas dos entrevistados de forma geral, as metáforas utilizadas e os excertos selecionados na triagem inicial.

Ao selecionar as falas que estariam presentes no livro, iniciou-se o processo de criação das poesias. O tom adotado nos textos reflete uma estratégia metodológica alinhada ao design social, de modo que as vozes das pessoas entrevistadas são valorizadas e para a garantia da produção de um material sensível às suas realidades. Dessa forma, a proposta de instigar e sensibilizar o público-alvo é atingida e promove uma experiência de leitura única.

A seguir, apresentam-se os poemas elaborados a partir das escutas realizadas ao longo deste projeto.

#### **Texto 1 — eu e minha irmã Eu**

Quando me assumi, minha mãe disse  
que era como se a filha dela tivesse morrido.  
Num tom de luto, mas também como  
quem tenta reorganizar o amor.  
Agora, eu era seu filho.

Às vezes perguntam “você não tinha uma filha?”

“Esse é seu filho mais novo?”

E ela responde:

*Sim.*

O primeiro texto foi elaborado para retratar o processo de autoconhecimento em paralelo à compreensão e aceitação familiar, o luto e a tentativa de reorganização do amor que acompanha a transição de gênero em algumas realidades.

## **Texto 2 — O elefante na sala**

Presença e ausência.

Ignorar o que é, por si só, impossível de ignorar.

“O elefante na sala”, advém da metáfora usada para se referir a um problema evidente, desconfortável e perceptível, mas que ninguém menciona ou discute sobre. Ele contrapõe o primeiro texto, ilustrando uma realidade familiar oposta, em que não há uma boa recepção ao assunto, ou que a aceitação familiar não ocorre.

Já o poema a seguir foi construído a partir de diferentes relatos e referências teóricas que emergiram ao longo da pesquisa.

## **Texto 3 — Meu corpo (trans)**

sou construído de atravessamentos.

suor e resistência, calma e reinvenções.

Existir é ser político — é gesto contínuo.

Meu corpo transcende o físico.

e eu finalmente entendi isso.

A ideia do verso "Existir é ser político — é gesto contínuo", dialoga com o pensamento de Audre Lorde, que afirma:

Entendi que o meu corpo é político. Eu determino o que fazer com ele. Que roupa usar, por onde andar, se fico com pelos ou sem pelos, se uso maquiagem e salto alto ou tênis e cara lavada. Não existe um modelo perfeito e padronizado. Somos diversas. E isso é bom. (LORDE apud PAGEL, 2020)

O seguinte texto emerge da escuta e diálogo indireto entre as entrevistas. Em diversos momentos, os relatos convergem no sentimento compartilhado de ausência de um amor tranquilo, genuíno e honesto. A partir dessa semelhança nas falas, foram elaborados textos que evocam a experiência de não se sentir amado e da ilusão da autossuficiência. Este poema retrata as experiências das pessoas que, mesmo seguindo em frente com suas vidas de forma resiliente, reconhecem o desejo por acolhimento, conexão e afeto.

## **Texto 4 — Sem Título**

Sigo dizendo a mim mesmo

mentindo até, talvez.  
Não sou sozinho.  
Não me falta nada.

Mas meu coração arde  
chora  
e esperneia:  
preciso de carinho!

Quero colo,  
aconchego.  
Quero calma,  
sossego.

Quero viver em conjunto,  
sem pressa,  
sem ansiedade,  
sem medo.

O quinto poema foi construído a partir do relato específico de um dos entrevistados, que cita um momento de felicidade e euforia de gênero. Ele diz que apesar de ser “uma coisa muito boba”, se sentiu muito feliz: em uma situação cotidiana, uma senhora no ponto de ônibus pede ajuda com suas sacolas.

Ele se lembra não apenas do sentimento ao ouvir o pronome a que ela lhe referiu, mas da cor das sacolas que ela carregava — que, posteriormente, inspirou diretamente a criação de uma das ilustrações, apresentada posteriormente nesta monografia. A partir disso, surge a ideia para o texto a seguir:

#### **Texto 5 — Sem Título**

Às vezes,  
pequenas coisas têm  
tamanho significado,  
não é engraçado?

Sentada ao meu lado,  
a senhora me pergunta se  
posso ajudar com as sacolas.

Ela me chama de moço primeiro.  
e naquele instante,  
eu **existo por inteiro**.

Retrato da junção de diversos trechos dos diálogos, o sexto poema evoca o movimento de questionamento interno. Na vivência transgênera, a experiência de disforia — entendida como um estado de angústia, mal-estar ou desconforto em relação à identidade de gênero ou ao próprio corpo — não é universal nem obrigatória. Ainda assim, os corpos trans são constantemente submetidos a olhares de curiosidade, julgamento e preconceito.

### **Texto 6 — Sem Título**

De onde vem minha dor?  
se somos construídos de (vi)veres?  
O quão a observância deles pesa  
sobre minha vida?

Das minhas dores, entendo eu,  
mas quanto de fato eu entendo?  
se o que se é dito  
não necessariamente é sentido?

Dessa dor  
o quanto é minha  
e o quanto dizem que é?

Ela realmente existe  
ou dói porque disseram

que o que sou não está certo?

O texto acima também reflete o processo de autoquestionamento: até que ponto as dores sentidas pertencem, de fato, ao indivíduo e até que ponto são impostas ou construídas pelo olhar do outro?

Em um contexto social marcado pela rigidez normativa, o indivíduo começa a questionar se sua percepção de si mesmo não estaria contaminada por expectativas e falas externas. Por esse motivo, o poema é estruturado em uma soma de perguntas sem respostas concretas. Isso é intencional. Ademais, remete ao percurso de autoconhecimento, em que se é necessário revisitar e questionar as próprias certezas.

No terceiro verso da primeira estrofe, a palavra “*observância*” foi intencionalmente posicionada, visto que seu significado, conforme o dicionário Michaelis, inclui “*pleno acatamento às leis, regras, etc.*”, “*grande respeito à preceitos religiosos*” e “*cumprimento estrito à vida de clausura*”. Contudo, a palavra sugere um duplo sentido no poema: além de seu significado formal, traz a ideia de observação, ampliando as camadas interpretativas do texto.

A seguir, apresenta-se uma composição de dois textos complementares. Escritos para dialogar entre presente e passado, oferecem visões, interpretações e sentimentos distintos, mas que conversam através do tempo verbal.

### **Texto 7.1 — Sem Título**

Com você, a improbabilidade  
virou certeza.

Certeza de que sou amado, respeitado,  
acolhido.

Você não entende, mas nesse momento,  
não há necessidade.

Seu silêncio me acolhe.

Vejo em seus olhos:

Você me ama.

Como sou.

Simple assim.

Você, então, me olha e diz:

“mas é o mínimo...”

E isso significa muito - porque o mínimo  
nunca me foi garantido.

### **Texto 7.2 — Sem Título**

Naquele tempo  
me senti amado e respeitado,  
acolhido.

Hoje, em contrapartida,  
gotejam pensamentos intrusos,  
inseguros.

É fato:  
Só ficamos enquanto é  
proveitoso para nós mesmos.

Mas o quanto de mim  
era para você  
desejo carnal,  
algo banal?  
Um corpo exótico a ser desbravado,  
fetiche disfarçado de afeto e cuidado.

Enquanto o primeiro expressa uma visão de acolhimento, calor e amor incondicional, o segundo, de maneira mais dolorosa e crítica, reflete sobre a percepção desse mesmo vínculo. Juntos, eles propõem a reflexão sobre a forma como as percepções se transformam e as experiências mudam ao longo do tempo, deixando marcas na experiência de vida.

O poema a seguir, intitulado “Mesmo assim, amor.”, se estrutura como um diálogo protetor que aconselha alguém a navegar pela vida com cuidado, mas

mantendo a esperança. O tom de encorajamento, mas de prudência reflete o receio em compartilhar certas informações, em confiar nas pessoas.

**Texto 8 — Mesmo assim, amor.**

Viva, garota.

Não tenha medo.

Mas não conte seus segredos  
a quem não caminha com você.

Lembre-se:

Em público não se dá a mão  
e do amor, tudo que virá  
será um talvez, um agora não.

Vá

mas não se esqueça:  
no caminho há morte  
dor,  
solidão e tristezas.

mas não desista,  
não saia do trilho.

Algum dia você encontrará  
olhares apaixonados,  
abraços apertados.

Encontrará carinho,  
um ninho.

E saberá que  
mesmo na dura verdade  
da nossa dolorosa e perversa realidade,  
o amor existe

e existe para nós.

O seguinte poema aborda a dificuldade e relutância na entrega afetiva e física. Como visto anteriormente no texto seis, o preconceito, a fetichização e a estigmatização geram questionamentos, que podem resultar em insegurança para além do emocional, afetando a percepção e autoestima com o físico, o corporal.

### **Texto 9 — Sem Título**

Há dificuldade na escrita,  
pois do mesmo jeito que a fala,  
ela implica na externalização.

Há dificuldade na aceitação da proximidade.  
Ela reflete a exposição da corporalidade.

A distância é segura, mas somatiza e dói.  
O sexo é inseguro. Não fisicamente,  
mas fisicamente,  
se é que me entende.

Falando em entender,  
como explicar que,  
ao me relacionar,  
quero que me toque,  
me beije,  
me inunde de calidez.

Mas não sussurre em minha pele!  
Ela é uma fina película das minhas falsas seguranças,  
onde o desejo se dissolve no desespero.

A frase “O sexo é inseguro. Não fisicamente, mas fisicamente” aponta, indiretamente que a insegurança mencionada não diz respeito a riscos de doenças

sexualmente transmissíveis, um estigma associado à comunidade LGBTQIAP+ (PORTAL IG, 2022). A intenção é elucidar a vulnerabilidade emocional e física, o desconforto do momento de entrega.

Muitas pessoas acabam se desvinculando de suas religiões de origem por diversos motivos, entre eles a exclusão e o preconceito. Um estudo sobre práticas de conversão revela que indivíduos LGBTQIAP+ enfrentam exclusão explícita de suas comunidades religiosas ao “aceitarem seu sentido de si” — levando muitos a se afastarem ou se esconderem para preservar sua identidade. (HAYDEN *et al.*, 2024).

O próximo texto emerge como um exercício reflexivo do autor — quase como um protesto — diante da realidade hipócrita de certas práticas religiosas que, em muitos casos, contradizem seus próprios princípios ao promoverem a exclusão e o ódio ao próximo.

#### **Texto 10 — Blasfêmia**

Pai nosso ~~que estais no céu~~ anda pela terra  
Santificado seja vosso nome

venha a nós  
o seu reino, és desonrado,  
nas casas, nas ruas e nos becos  
onde habita o pecado.

Seja feita a vossa vontade  
mas não ali.

O pão nosso de cada dia nos ~~dai hoje~~ falta  
A fome nos assola, nos mata.

Caímos na tentação dos  
nossos irmãos ao lado

Perdoai-nos as nossas  
dívidas,  
assim como matamos aos

nossos devedores.  
Não nos deixeis cair  
em tentação  
mas livrai-nos do MAL  
AMÉM!

“Blasfêmia” foi escrito após uma visita do autor ao Museu de Arte de São Paulo (MASP), durante a exposição *Histórias LGBTQIAP+*, realizada entre os dias 13 de dezembro de 2024 e 13 de abril de 2025, que será relatada posteriormente. A partir dessa experiência, seguiu-se um profundo momento de reflexão sobre as interseções e tensões entre o lar cristão e as vivências LGBTQIAP+.

### **Texto 11 — E o que é o amor?**

Com você sei que posso ser  
eu.  
e nós, que somos de um mundo só,  
pertencemos e convivemos  
a partir de nossas igualdades  
que nos tornam diferentes.  
Nos tornam nós.

Poder simplesmente “ser” é um ato político e profundamente afetivo. A expressão “Um mundo só” remete à segurança, reconhecimento sem necessidade de correção, de se perceber sem vigilância constante. No contexto do *transcentrar* — termo utilizado para descrever relacionamentos entre pessoas transgênero —, este “um mundo só” constitui um espaço de resistência entre algumas vivências sociais semelhantes. Trata-se de um universo construído por e para pessoas trans, fora das regras impostas. Um mundo onde corpos, nomes, afetos e presenças têm sentido próprio.

Embora existam dores e estruturas em comum, as trajetórias são únicas. “Nos tornam nós” fala sobre coexistir e brinca intencionalmente com os múltiplos sentidos da palavra: *nós* como pessoas no plural e como método de apertar uma corda por amarração. Reconhece a coletividade sem apagar a individualidade.

### **Texto 12 — Sem Título**

Como é bom me sentir pertencente.  
À cidade onde vivo,  
ao ciclo de amigos,  
à imensidão do corpo que habito.

Meu corpo, minha casa.  
Um lugar de repouso,  
de descanso da alma.  
Um lugar de abrigo.

Para seguir a linha de raciocínio desejada de retratar altos e baixos do processo de autoconhecimento, o décimo segundo texto tem como intenção representar algumas das inúmeras sensações do sentimento de se sentir bem e confortável no próprio corpo e no ciclo social.

A base de sua escrita aparece em alguns dos relatos dos entrevistados, que contam de diferentes maneiras como o ciclo social influenciou negativamente e, no caso desse texto, positivamente na autoestima.

### **Texto 13 — Caminhando na calçada**

Desde cedo,  
correndo atrás do ônibus  
atrasada pra ouvir  
meu chefe fazendo “piada”.

Desde cedo,  
quando fui criada  
na maldade dos cantos da escola.  
Caçoada e hostilizada.

A colega preta cacheada,  
a criança aviadada.

Sozinha  
esperando o sinal tocar,  
essa fase passar.

Desde cedo,  
sendo encurralada.

No trabalho,  
em casa,  
nas esquinas,  
na luz do dia, da tarde e na madrugada,  
Assediada.  
Abusada.  
Marginalizada.

Desde cedo,  
saindo contando as horas pra chegar em casa  
onde sou ignorada e silenciada.

“Caminhando na calçada”, foi escrito a partir da escuta dos relatos das mulheres trans e pessoas travestis que contribuíram para este projeto. Para além do machismo e da preocupação feminina em andar pelas ruas, devido ao assédio, feminicídio e a violência de gênero, há ainda a preocupação constante em relação à transfobia e racismo. Violências que ocorrem simultaneamente, intensificando a sensação de vulnerabilidade e o esgotamento mental de se manter em constante alerta. A repetição dos versos é proposital para demonstrar o cotidiano permeado por esses receios vividos por pessoas que performam feminilidade.

#### **Texto 14 — Sem Título**

Que grande prazer  
deve ser  
proporcionar um respiro àqueles que

assim como você  
lutam constantemente  
para existir,  
para poder viver.

Quão gratificante será  
o dia que a vitória nos alcançará  
só de poder simplesmente descansar  
“nem ligar”.  
Sem pessoas querendo nos matar.

Em realidades paralelas  
alguém entende meu grito,  
meus choros,  
meu alívio.

O mundo diz que sou  
demasiadamente exagerada  
enquanto exijo o básico  
ou quando digo que só queria ser amada.

O penúltimo texto do livro inicia um processo de soma indireta entre todas as falas dos poemas anteriores: desejo de amor, de compreensão, o peso do preconceito, da ameaça de morte que muitas pessoas trans enfrentam e o fato de estar constantemente em alerta, além de trazer um desejo, uma idealização de um mundo melhor, de uma realidade mais tranquila para pessoas transgênero.

A imagem de “realidades paralelas” sugere que, em algum lugar, outros corpos compartilham do mesmo desejo por segurança e pertencimento, para reforçar a noção de comunidade e solidariedade invisíveis formadas nas margens da sociedade.

### **Texto 15 — Sem Título**

Sou feliz  
por reconhecer que sou inteiro

no que me torno.

Na minha evolução de espírito,  
me conecto —  
interior e exterior

A ruptura  
me transforma.

O corpo é meu,  
transpasso, transito e transcendo.

Energia, dividida em falanges;  
respiração  
gritos e cochilos,  
pensamentos  
intrusivos.

Não sou errado.  
Compreender isso me liberta,  
me conforta,  
me resgata.

Por fim, o último texto encerra o livro com a intenção de trazer calma ao leitor e oferece uma síntese poética da jornada de autodescoberta. Ele celebra a inteireza do “eu”, reafirmando que a evolução não é linear, mas sim marcada por rupturas que transformam. A expressão “transpasso, transito e transcendo” brinca com o prefixo “trans” e remete ao processo de desabrochar. Ao afirmar “Não sou errado.”, o poema destaca o reconhecimento de si como algo natural e belo.

## 5.2 PRODUÇÃO EDITORIAL E ARTÍSTICA: DO ESBOÇO AO PRODUTO FINAL

### 5.2.1 Referências visuais e diretrizes cromáticas

Houve uma extensa pesquisa de referências artísticas, que contemplou a produção de moodboards e estudos cromáticos, para nortear a identidade visual da obra. Essa etapa evidenciou como as cores, formas e referências foram escolhidas para dialogar com as experiências dos entrevistados.

As cores escolhidas remetem à carne — pele, sangue, veias — para evocar sensações de presença, corporeidade e vida pulsante. Tons de vermelho, bege, marrom, amarelo e laranja foram utilizados para reforçar essa dimensão tátil e afetiva. A seleção das técnicas artísticas também foi cuidadosamente planejada. Por esse motivo, formas e texturas conversam direta e indiretamente com as ilustrações e os textos aplicados.

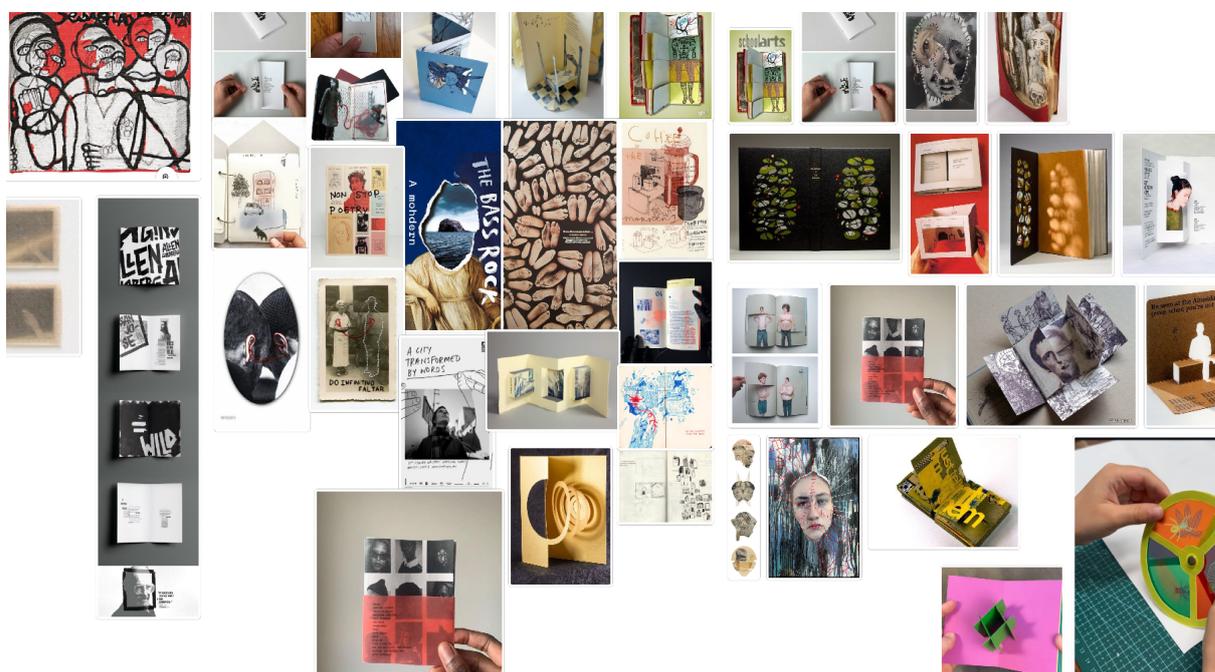
Contudo, é necessário ressaltar que, devido à variedade de técnicas e diferentes comportamentos das tintas e materiais utilizados, caso haja reprodução da obra posteriormente de forma industrial, será necessário realizar um estudo específico para adaptar cores e acabamentos, para que a intenção estética original do editorial seja mantida e preservada.

FIGURA 1 - ESCOLHA DAS CORES



Fonte: Elaborado pelo autor.

**FIGURA 2 - PAINEL DE REFERÊNCIAS**

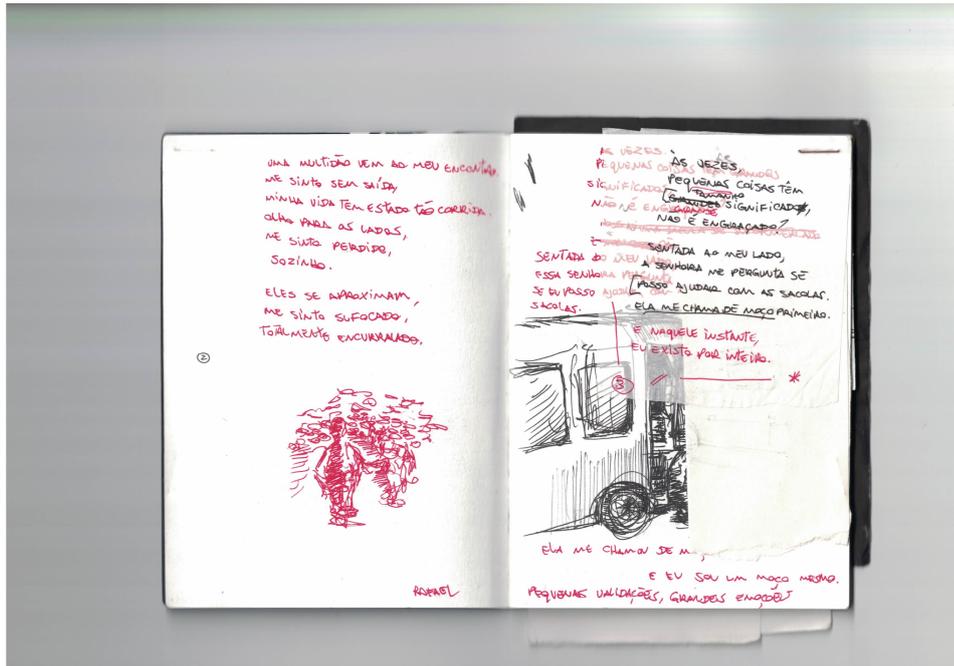


Fonte: Painel de referências visuais, para construção física do livro. Elaborado pelo autor com imagens coletadas da internet, 2025.

### **5.2.2. Processos Criativos e Experimentações Visuais**

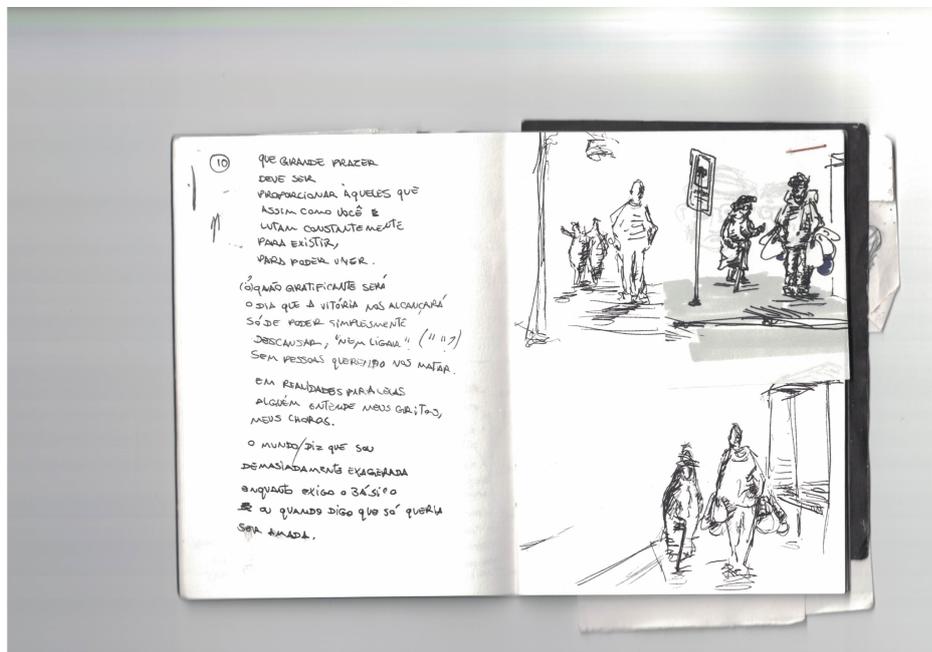
Para iniciar a criação visual, as primeiras ideias de ilustrações foram esboçadas no mesmo caderno em que as poesias foram inicialmente construídas. Dessa forma, é possível a visualização inicial de como todo o conjunto de informações conversa entre si. Este caderno constitui um “brainstorm”. Algumas das ilustrações não foram utilizadas, visto que não conversavam diretamente com a sequência idealizada pelo autor.

FIGURA 3 - primeira foto do caderno de rascunhos



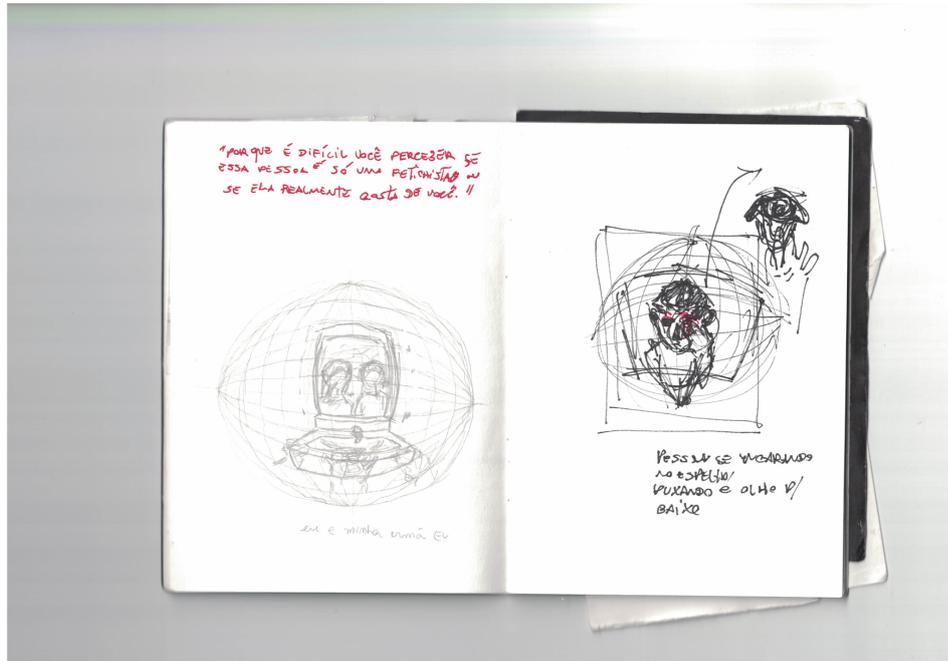
Fonte: Elaborado pelo autor.

FIGURA 4 - segunda foto do caderno de rascunhos



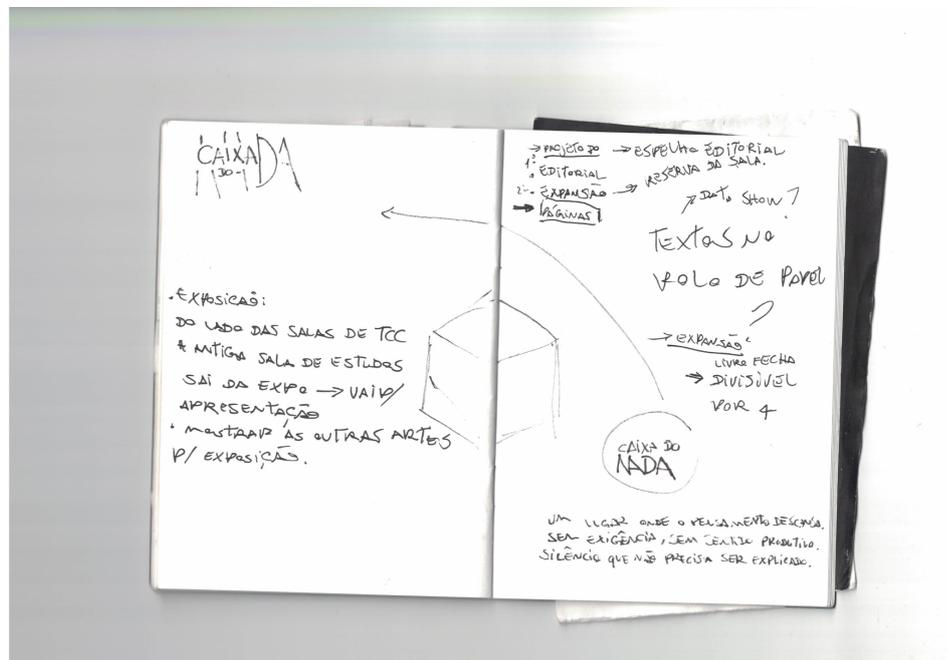
Fonte: Elaborado pelo autor.

FIGURA 5 - terceira foto do caderno de rascunhos



Fonte: Elaborado pelo autor.

FIGURA 6 - quarta foto do caderno de rascunhos



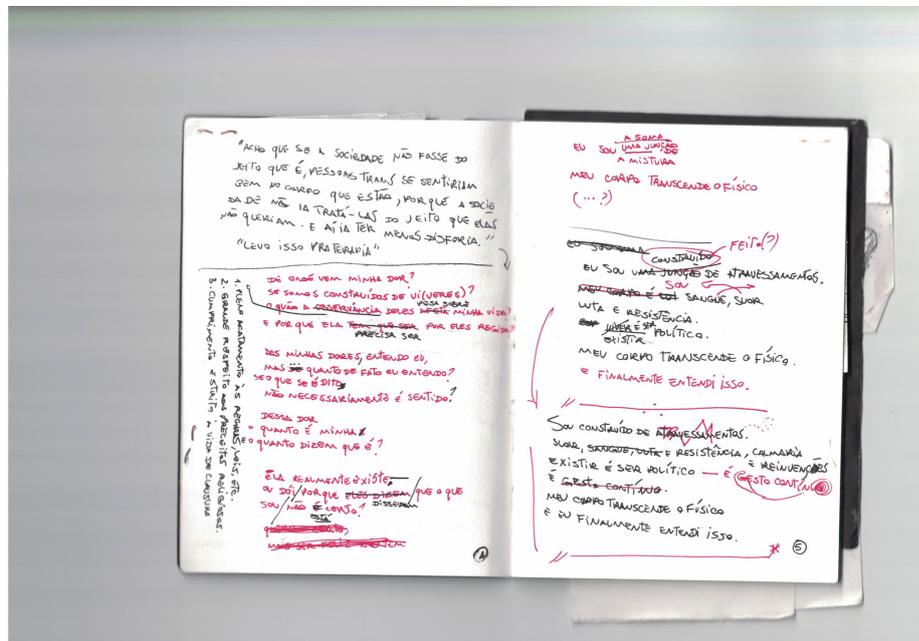
Fonte: Elaborado pelo autor.

FIGURA 7 - quinta foto do caderno de rascunhos



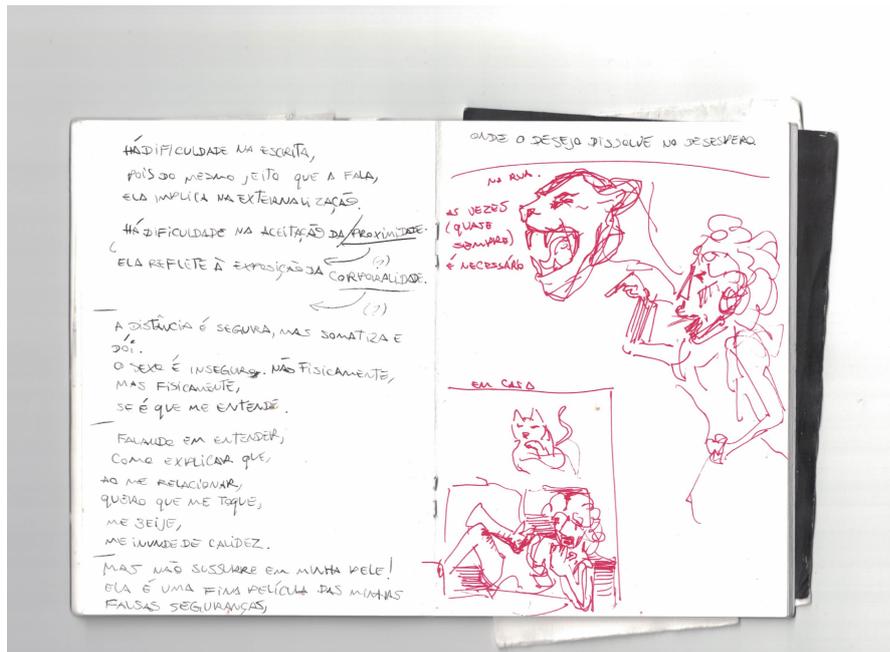
Fonte: Elaborado pelo autor.

FIGURA 8 - sexta foto do caderno de rascunhos



Fonte: Elaborado pelo autor.

**FIGURA 9 - Ilustração descartada**



Fonte: Elaborado pelo autor.

**FIGURA 10 - segunda ilustração descartada**



Fonte: Elaborado pelo autor.

Posteriormente, diferentes materiais e técnicas foram utilizadas para criar as obras finais: giz pastel oleoso, que privilegia efeitos de sobreposição de cores e texturas; ilustrações digitais, que permitem ajustes de cor e composição; e desenhos

com canetão preto e canetas esferográficas coloridas, para trazer linhas marcadas e contrastes intensos. Essas técnicas contribuem para estabelecer o diálogo e cumplicidade entre palavra e imagem. Embora as ilustrações tenham potencial para atrair o leitor à primeira vista, o objetivo foi equilibrar leitura da poesia e apreciação visual, despertando novas camadas de interpretação e emoção.

Embora o livro de artista tenha se estruturado a partir de uma abordagem poética e sensível, orientada pelas narrativas dos participantes, o projeto gráfico também incorporou princípios do design editorial como ferramenta para potencializar a leitura, a fluidez visual e o diálogo entre conteúdo e forma. A escolha da tipografia buscou aliar expressividade e legibilidade, em consonância com a ideia de que “a composição tipográfica é onde a linguagem se encontra com o design; é o espaço em que as palavras se tornam forma” (LUPTON, 2010, p. 7). A construção do layout e do grid editorial permitiu a organização entre os textos, imagens e vazios — um sistema gráfico que conduz a leitura ao mesmo tempo em que respeita o silêncio e o tempo das falas. Como apontam Ambrose e Harris (2005, p. 22), “um bom layout não apenas acomoda conteúdo, mas o guia, revelando hierarquias, ritmos e relações entre os elementos.”

Nesse sentido, cada decisão editorial — desde a hierarquia visual até o acabamento material — refletiu uma tentativa de transformar a escuta em experiência. A materialidade do objeto, o ritmo das páginas e a composição visual foram orientados não apenas por critérios estéticos, mas também por uma intenção comunicacional que se alinha ao entendimento de que “o design é uma atividade crítica e interpretativa. Ao estruturar a informação, o designer também organiza experiências” (LUPTON, 2011, p. 15). Assim, o design editorial atuou como uma linguagem estratégica que articulou as dimensões simbólicas, funcionais e afetivas da obra, reafirmando seu papel na mediação entre conteúdo sensível e estrutura visual.

**ILUSTRAÇÃO 1 - eu e minha irmã Eu opção descartada**



Fonte: Elaborado pelo autor.

Giz pastel oleoso sobre papel Canson 180g.

**ILUSTRAÇÃO 2 - eu e minha irmã Eu**



Fonte: Elaborado pelo autor.

Caneta preta à base de água sobre papel vegetal 90g.

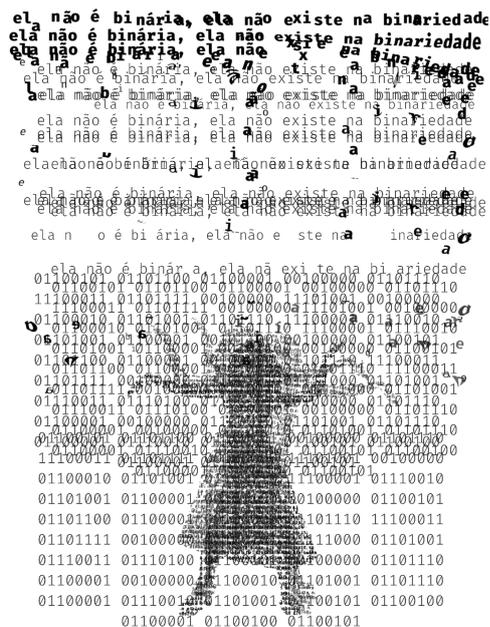
### ILUSTRAÇÃO 3 - O elefante na sala



Fonte: Elaborado pelo autor.

Técnica mista (lápiz de cor e caneta à base de água colorida) sobre papel Canson 180g.

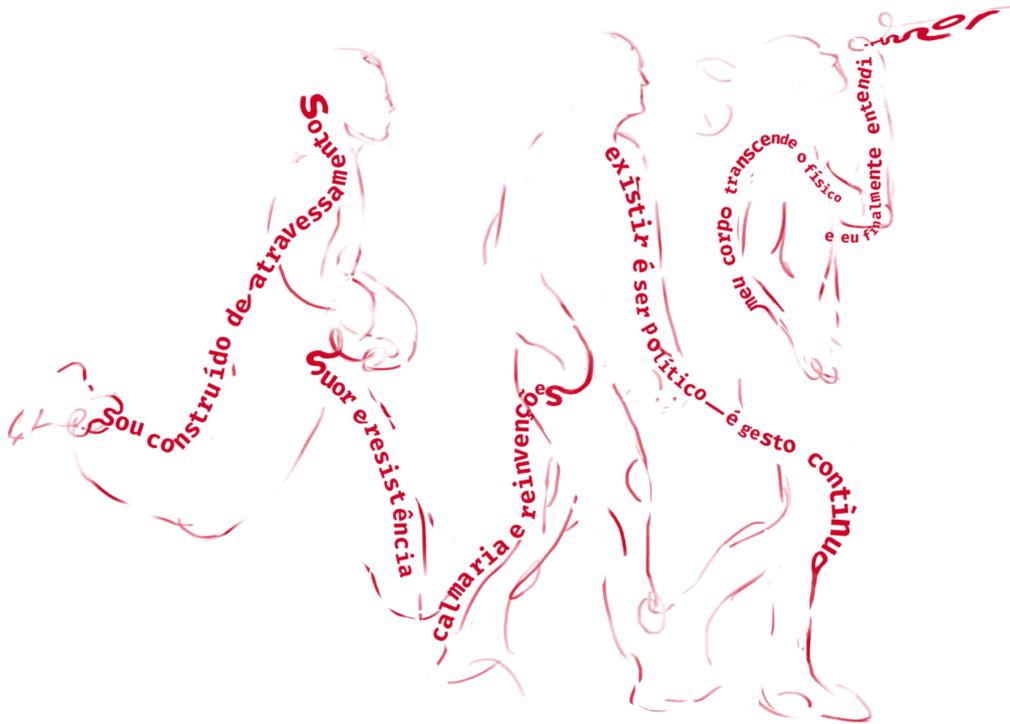
### ILUSTRAÇÃO 4 - Ela não é binária



Fonte: Elaborado pelo autor.

Arte digital. Impressão em papel vegetal 90g.

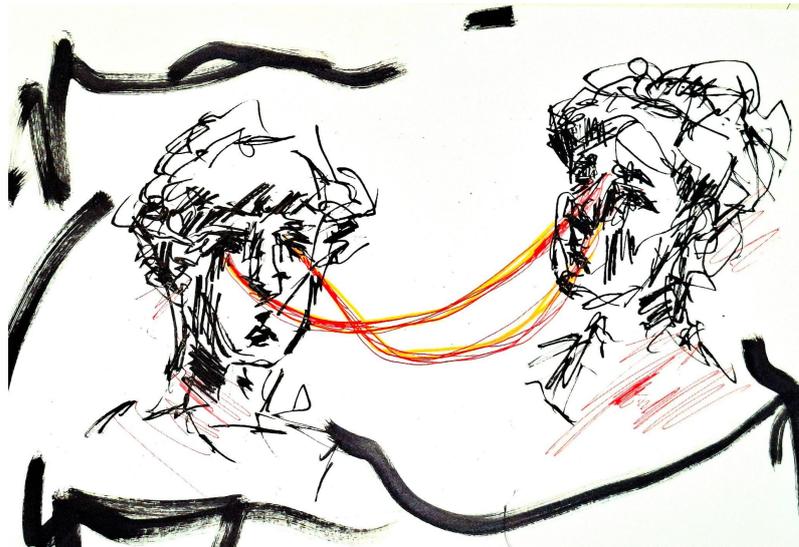
## ILUSTRAÇÃO 5 - Meu corpo (trans)



Fonte: Elaborado pelo autor.

Arte digital. Composição tipográfica (poesia concreta).

## ILUSTRAÇÃO 6 - Sem Título



Fonte: Elaborado pelo autor.

Canetas à base de água pretas de diferentes espessuras e canetas esferográficas (amarela e vermelha) sobre papel Canson 180g.

### ILUSTRAÇÃO 7 - Sem Título



Fonte: Elaborado pelo autor.

Arte digital.

### ILUSTRAÇÃO 8 - Sem Título



Fonte: Elaborado pelo autor.

Caneta preta à base de água sobre papel sulfite 90g.

### ILUSTRAÇÃO 9 - Mesmo assim, amor.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Giz pastel oleoso sobre papel 120g, com recorte manual.

### ILUSTRAÇÃO 10 - Fina película



Fonte: Elaborado pelo autor.

Arte digital.

### ILUSTRAÇÃO 11 - Blasfêmia



Fonte: Elaborado pelo autor.

Lápis de cor sobre papel Canson 180g, convertido digitalmente para preto e branco.

### ILUSTRAÇÃO 12 - E o que é o amor?



Fonte: Elaborado pelo autor.

Giz pastel oleoso sobre papel Canson 180g.

### ILUSTRAÇÃO 13 - Sem Título



Fonte: Elaborado pelo autor.

Caneta preta à base de água sobre papel (não especificado).

### ILUSTRAÇÃO 14 - Sem Título



Fonte: Elaborado pelo autor.

Arte digital.

### ILUSTRAÇÃO 15 - Travessias do Ser



Fonte: Elaborado pelo autor.

Caneta preta à base de água sobre papel vegetal 60g.

### ILUSTRAÇÃO 16 - Para falar a Verdade



Fonte: Elaborado pelo autor.

Caneta preta à base de água sobre papel sulfite 90g

Além das técnicas citadas anteriormente, há a exploração de soluções tridimensionais e interativas para enriquecer a experiência sensorial do leitor. Entre elas, destaca-se o uso de dobraduras em espiral expansível, que, ao serem abertas, evocam a ideia de fluidez e movimento contínuo. Foi incorporado um elemento pop-up em forma de caixa, inspirado em uma fala específica de um dos entrevistados, que tratava de uma experiência de descanso, um respiro em meio a tantas informações.

Outro aspecto importante foi a aplicação de técnicas de visualização 3D, que utilizam sobreposição de cores — com textos impressos em vermelho e azul — para criar diferentes percepções de leitura dependendo do uso de filtros translúcidos coloridos.

A utilização de linha de costura em uma das ilustrações não apenas trouxe textura tátil e conexão artesanal ao livro, como funcionou como um simples marcador de página, criando um elo entre o objeto e o leitor.

A estratégia de utilizar tais recursos torna a leitura mais imersiva, instiga a interação ativa com a obra, reforça a dimensão afetiva e participativa do projeto ao mesmo tempo em que alude à pluralidade de presente e passado, de acordo com a intenção dos poemas da página, transformando a materialidade do livro em um convite à reflexão e à descoberta.

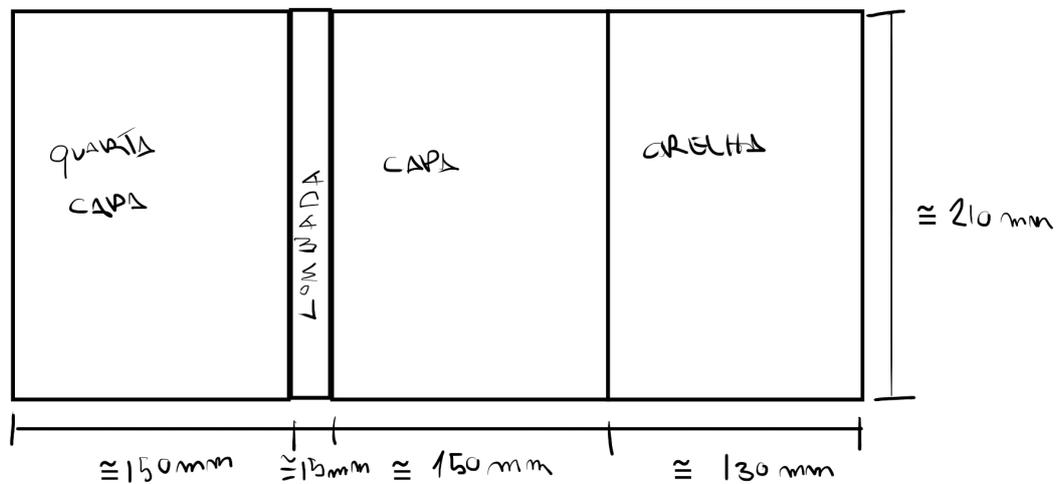
No que tange à produção técnica do livro, materiais e processos acessíveis foram utilizados, considerando a possibilidade de reprodução gráfica em ambiente profissional. Embora o livro reúna diversas técnicas artísticas, todas foram adaptadas para garantir viabilidade de impressão em gráficas.

O tamanho final do produto é de aproximadamente 150 x 210 milímetros e a capa foi confeccionada em papel Metallics Abyss 300g/m<sup>2</sup>, equilibrando resistência e qualidade, de forma a assegurar a durabilidade do livro enquanto objeto de arte e reflexão. A seguir, o escopo do livro:



(2024, p. 16), que destaca o potencial político e gráfico dessa linguagem. Considerando a familiaridade do autor com a técnica, foi utilizada tinta à base de água. Os desenhos com canetão preto e canetas esferográficas coloridas foram aplicados tanto nas páginas internas quanto na concepção da capa, servindo como base para o processo serigráfico e garantindo unidade visual ao projeto.

**FIGURA 13 - medidas aproximadas da capa**



Fonte: Elaborado pelo autor.

**FIGURA 14 - Idealização da capa**



Fonte: Elaborado pelo autor.

Desse modo, cada detalhe, desde a seleção de cores e materiais até as técnicas artísticas e a formulação das poesias, foi cuidadosamente planejado para proporcionar a experiência estética e sensível ao leitor, para que o resultado final refletisse não apenas os relatos das pessoas entrevistadas, mas também a dimensão afetiva, subjetiva e estética das narrativas, conferindo à obra um caráter participativo, inclusivo e transformador.

A diagramação e a definição da ordem dos textos no livro foram concebidas a partir da reflexão sobre o processo de autoconhecimento e autodescobrimento das pessoas trans. Essa jornada, marcada por altos e baixos, envolve momentos de felicidade e tristeza, de insegurança e de euforia, e foi fundamental que essa dinâmica estivesse presente na organização das páginas. Assim, a sequência das poesias e ilustrações foi pensada para evidenciar essas oscilações emocionais, revelando como, em determinados momentos, tudo pode parecer estar bem e, repentinamente, emergir uma sensação de incerteza ou medo.

Para alcançar esse efeito, a diagramação foi construída de forma a criar um “espelho” narrativo, que reflete essas nuances emocionais na estrutura do livro. Cada página mantém uma relação fluida e coerente com as anteriores e posteriores, de modo que as transições entre textos e imagens pudessem intensificar a experiência sensorial e afetiva do leitor. Essa escolha buscou garantir que o impacto visual e emocional de cada ilustração — em destaque — fosse potencializado pelos textos que a acompanham, reforçando a proposta de diálogo e cumplicidade entre palavra e imagem já mencionada anteriormente.

A montagem do livro físico foi concebida de forma a equilibrar as exigências técnicas e estéticas do projeto. Optou-se por uma estrutura de apenas dois cadernos para compor o miolo do livro, facilitando a montagem artesanal e permitindo que a paginação fosse planejada de forma que a primeira página coincidissem com a última em cada caderno. Para melhor compreensão do funcionamento e a certeza de que o raciocínio inicial seria funcional e assertivo em relação à paginação, um boneco preliminar em escala reduzida foi criado.

**FIGURA 15 - Boneco preliminar em escala reduzida**



Fonte: Elaborado pelo autor.

**FIGURA 16 - Boneco preliminar em escala reduzida**



Fonte: Elaborado pelo autor.

A encadernação foi realizada com a técnica da costura copta, escolhida por permitir uma abertura total de 180°, essencial para a apreciação das ilustrações e das intervenções artísticas presentes em cada página. Entretanto, diferentemente da costura copta tradicional, a obra foi finalizada com uma capa que possui lombada e orelha, conferindo ao livro um aspecto mais acabado e profissional. Essa escolha oculta a costura copta, preservando a integridade visual da capa e ao mesmo tempo garantindo a durabilidade e a funcionalidade da obra como objeto de arte e de leitura.

**FIGURA 17- Processo de costura do miolo**



Fonte: Elaborado pelo autor.

**FIGURA 18- segunda foto do processo de costura do miolo**



Fonte: Elaborado pelo autor.

Os papéis de dobradura, que incluem elementos como espirais expansíveis, páginas de diversas identidades e um pop-up em forma de caixa (relacionado a uma das falas dos entrevistados), foram inseridos de forma manual, sendo colados ao miolo em vez de costurados. Essa técnica foi necessária para preservar a funcionalidade dos recursos interativos e permitir que o leitor tenha uma experiência de manipulação única. Papéis especiais como papel vegetal e flor post foram inseridos por colagem, de acordo com o significado de suas respectivas páginas.

**FIGURA 19- processo de corte da espiral expansível**



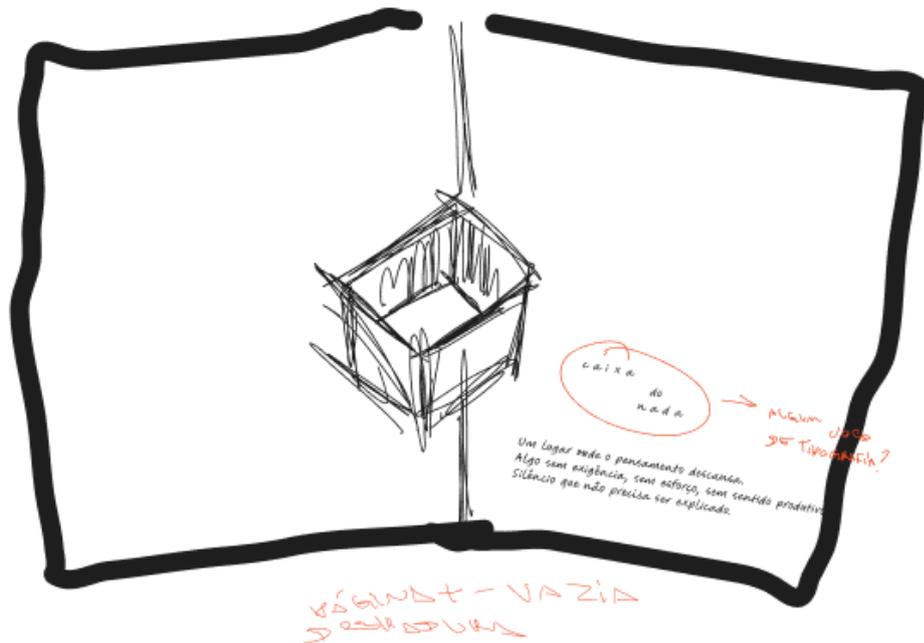
Fonte: Elaborado pelo autor.

**FIGURA 20 - espiral expansível em processo de finalização**



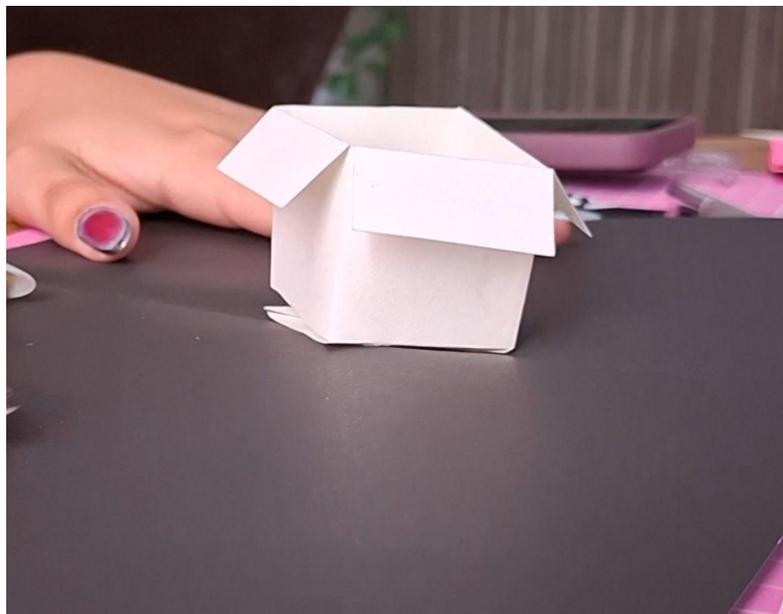
Fonte: Elaborado pelo autor.

**FIGURA 21- Idealização do pop-up de caixa**



Fonte: Elaborado pelo autor.

**FIGURA 22- Primeiro teste do pop-up de caixa**



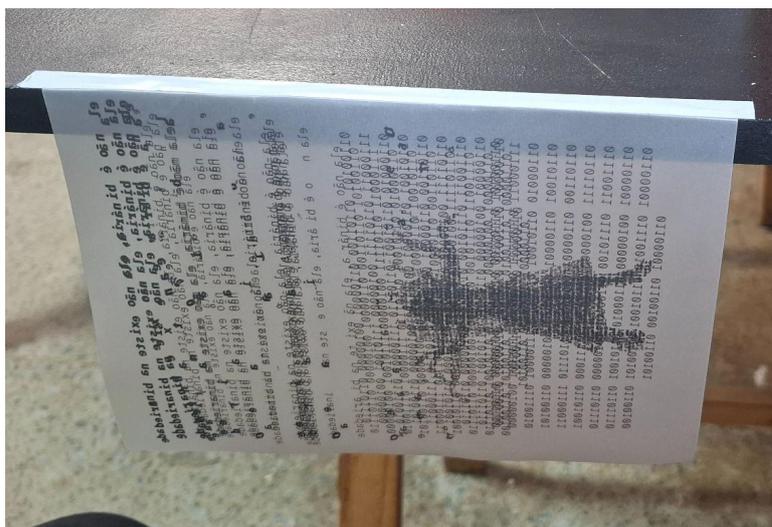
Fonte: Elaborado pelo autor.

**FIGURA 23- Construção das páginas de diversas identidades**



Fonte: Elaborado pelo autor.

**FIGURA 24- Processo de colagem das páginas extras**



Fonte: Elaborado pelo autor.

### **5.2.3 Processos Criativos e Experimentações Visuais**

Ao decorrer da produção física, algumas dificuldades técnicas foram enfrentadas. A impressora não permite a aplicação de tinta branca. Portanto, devido ao uso de páginas pretas e coloridas a impressão direta foi impossibilitada. Para superar esse obstáculo, foi necessário recorrer à serigrafia e escrita manual, no boneco do livro, garantindo a legibilidade e a qualidade das impressões nessas

páginas. Em outras páginas coloridas, a escrita em branco também não foi possível de forma digital, exigindo a escrita manual para assegurar a legibilidade e a harmonia visual.

Outro desafio foi a obtenção das cores desejadas nas impressões coloridas. Foram realizados diversos testes até que se chegasse ao resultado mais próximo possível das cores originais criadas no processo artístico. Essas experimentações foram fundamentais para manter a fidelidade estética e a coerência do projeto como um todo.

#### **5.4 VIVÊNCIAS, REFERÊNCIAS E CONEXÕES AFETIVAS**

Durante o processo de desenvolvimento do livro de artista, foi realizada uma visita à cidade de São Paulo com o objetivo de participar da Marcha Transmasculina e de visitar a exposição LGBTQIAP+ no Museu de Arte de São Paulo (MASP). Essas atividades ocorreram simultaneamente à produção do livro, constituindo-se como momentos de imersão e conexão com o universo representado na obra.

A participação na Marcha Transmasculina possibilitou a vivência, de forma coletiva, a luta e a afirmação das identidades transmasculinas, criando pontes afetivas e políticas com os relatos colhidos durante as entrevistas. Essa experiência ampliou a compreensão das realidades e das demandas da comunidade, fortalecendo o compromisso com a produção de um material sensível e acolhedor.

**FIGURA 25- Marcha Transmasculina realizada pelo Instituto Brasileiro de Transmasculinidades (IBRAT)**



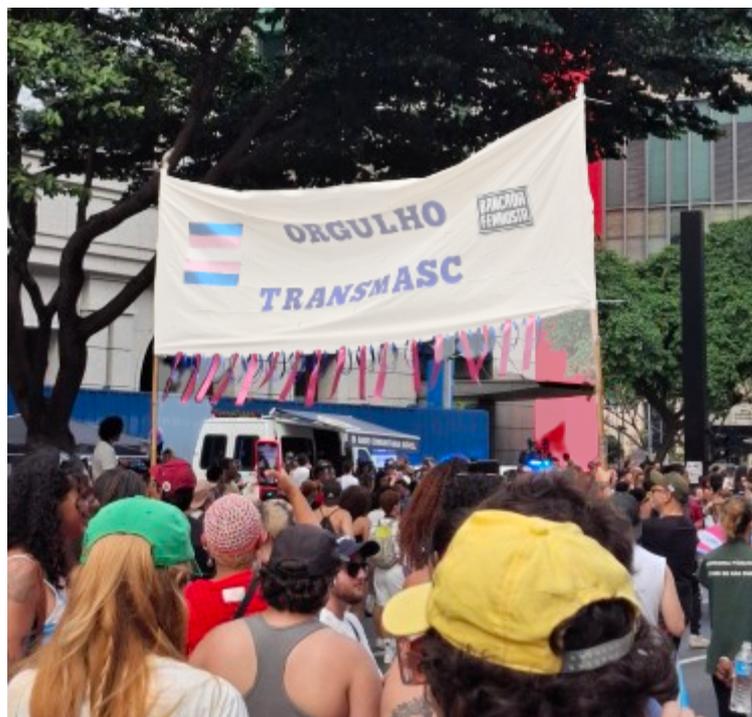
Fonte: Criado pelo autor.

**FIGURA 26- Protesto pelo direito do aborto seguro e gratuito**



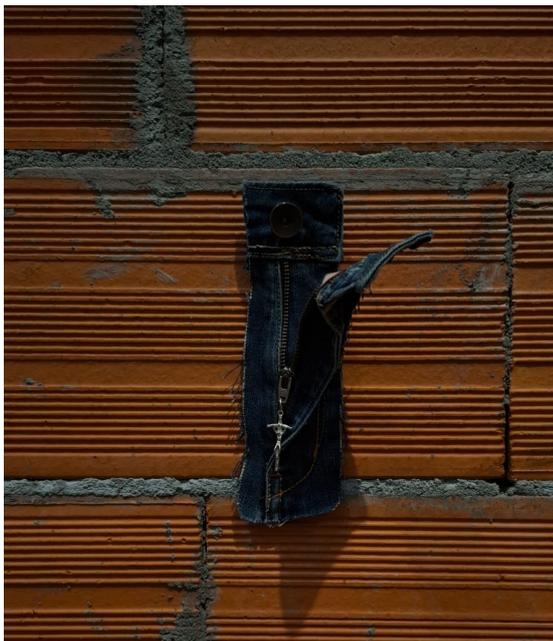
Fonte: Criado pelo autor.

**FIGURA 27- Marcha Transmasculina**



Fonte: Criado pelo autor.

**FIGURA 28- Fotografia tirada da exposição no Museu de Arte de São Paulo**



Fonte: Autorretrato de Carlos Herrera, 2004 exposta no núcleo “Sagrado e Profano” da mostra “Histórias LGBTQIA+”, exposta no Museu de Arte de São Paulo (MASP)

**FIGURA 29- Fotografia tirada da exposição no Museu de Arte de São Paulo**



Fonte: Pintura a óleo “Cuidado Comigo”, de Fefa Lins, exposta na mostra “Histórias LGBTQIA+”. 2024 no Museu de Arte de São Paulo (MASP).

A visita à exposição LGBTQIAP+ no MASP oportunizou o contato com diferentes linguagens artísticas e estéticas sobre as vivências dissidentes de gênero e sexualidade. Desse modo, as referências visuais e conceituais para o projeto foram ampliadas e influenciaram positivamente na finalização do livro.

Essas experiências culturais e políticas em São Paulo contribuíram de forma significativa para aprofundar o compromisso ético e afetivo com o projeto, fortalecendo a intenção de criar um livro de artista que, mais do que um objeto visual, fosse capaz de aquecer o coração da comunidade trans e despertar acolhimento, empatia e reflexão em cada página.

### **5.5 PRODUTO FINAL**

Por fim, o desejo de dar forma à algumas das múltiplas jornadas de autodescoberta de pessoas trans se concretiza, por meio de um produto final que busque traduzir a singularidade e a complexidade de cada existência, de cada energia, de cada reflexão e de cada diálogo.

**FIGURA 30- Produto final**



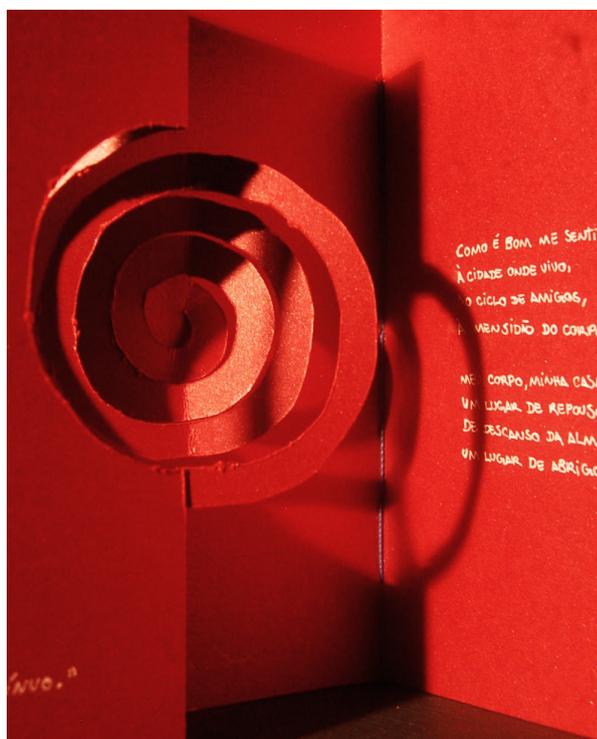
Fonte: Elaborado pelo autor.

**FIGURA 31- Produto final**



Fonte: Elaborado pelo autor.

**FIGURA 32- Produto final**



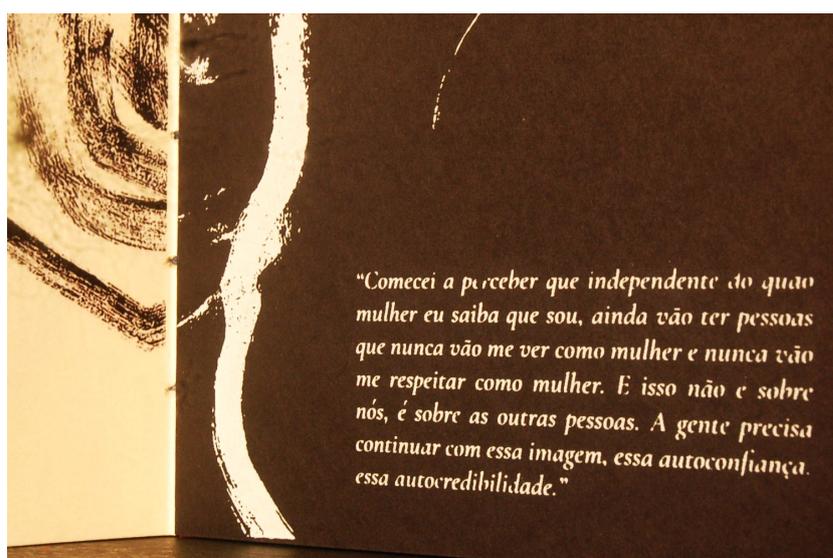
Fonte: Elaborado pelo autor.

**FIGURA 33- Produto final**



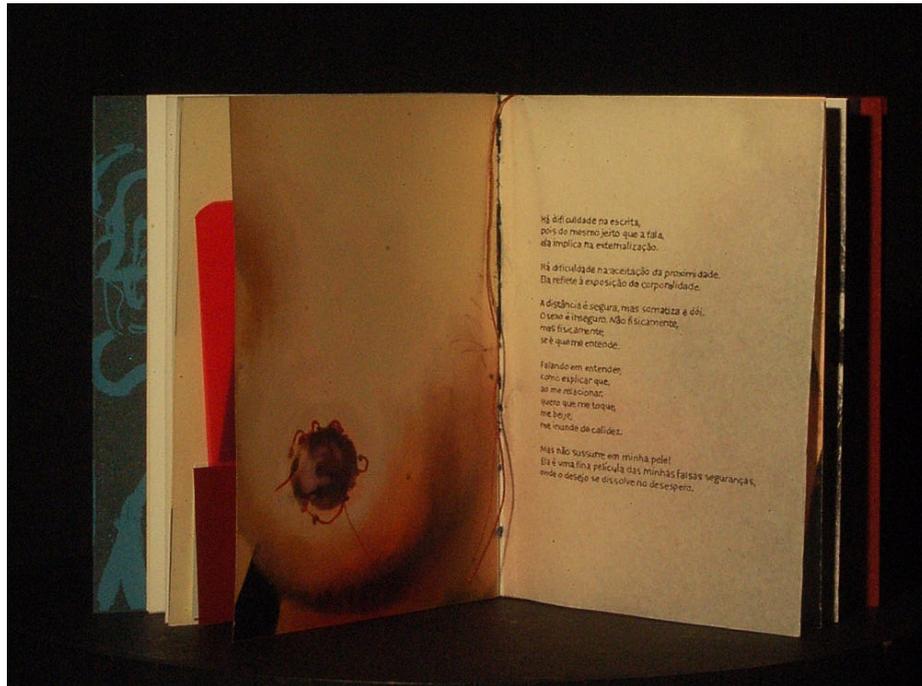
Fonte: Elaborado pelo autor.

**FIGURA 34- Produto final**



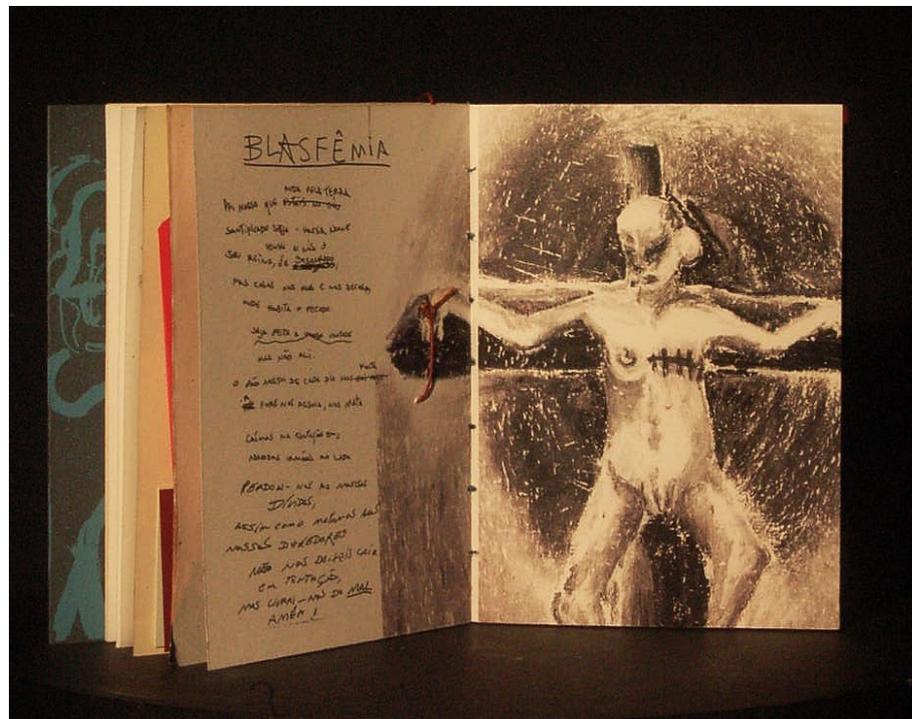
Fonte: Elaborado pelo autor.

FIGURA 35- Produto final



Fonte: Elaborado pelo autor.

FIGURA 36- Produto final

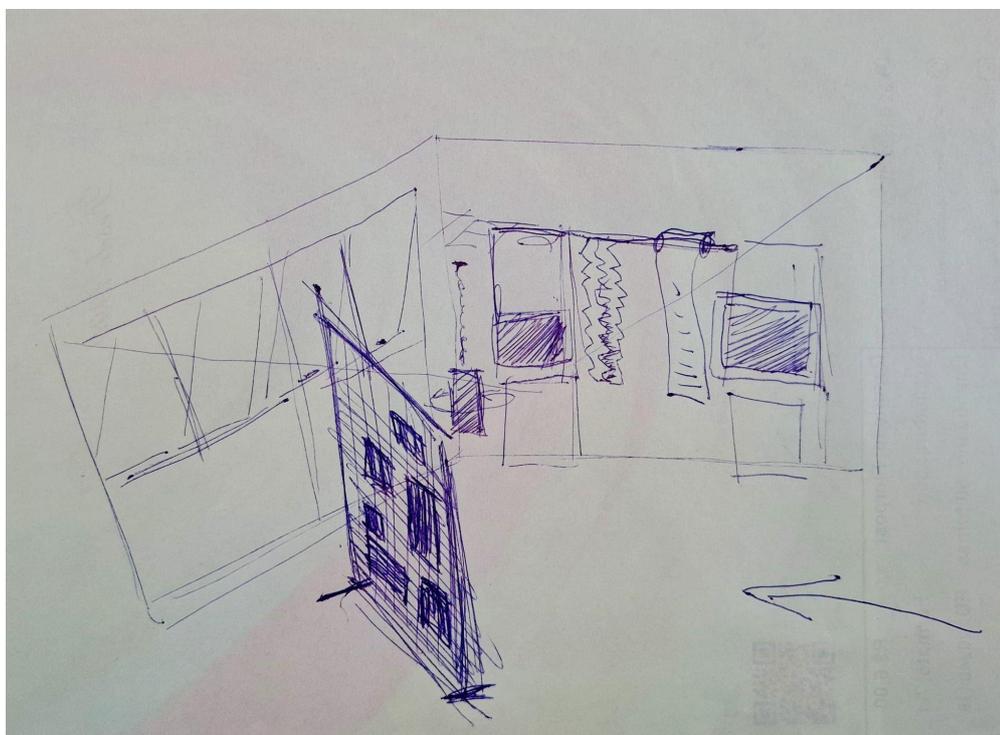


Fonte: Elaborado pelo autor.

## 5.6 EXPOSIÇÃO: A OBRA COMO ESPAÇO DE ENCONTRO

Haverá a exposição dos materiais originais do livro de artista, que ocorrerá no dia da apresentação do projeto, foi planejada com ênfase na interação entre o público e a obra, valorizando a interpretação individual de cada visitante, sem a mediação de uma apresentação ou condução específica. Essa decisão visa respeitar as singularidades das trajetórias e das percepções de cada pessoa, reconhecendo que cada um enxerga e sente a obra a partir de suas próprias vivências, bagagens culturais e características subjetivas.

**FIGURA 37- Esboço da disposição dos originais expostos**



Fonte: Elaborado pelo autor.

Na exposição, estarão presentes as ilustrações originais, acompanhadas de alguns textos e fragmentos físicos que fizeram parte do processo criativo, como telas de serigrafia e experimentações de técnicas mistas. Esses elementos possibilitam uma imersão mais profunda na materialidade e na poética do projeto, evidenciando o percurso artístico e os desafios enfrentados durante sua concepção.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Do ponto de vista do design social, a exposição reforça o valor do projeto como instrumento de diálogo e reflexão sobre a realidade das pessoas trans. Ao articular arte, design e narrativas de vida, a mostra amplia o potencial de visibilidade para a comunidade trans, além de promover a sensibilização do público para as questões que atravessam essas existências.

Mais do que apresentar uma obra concluída, a exposição busca criar um espaço de encontro afetivo e estético, no qual as pessoas possam refletir sobre as vivências trans a partir de múltiplas camadas de sentido. Dessa forma, o projeto reafirma seu caráter inclusivo e participativo, reconhecendo as diferentes formas de estar no mundo e as diversas maneiras de experienciar o livro enquanto objeto artístico e social.

Em síntese, este projeto evidenciou a potência do design social aliado à arte e à poesia para promover visibilidade, acolhimento e transformação social para a comunidade trans. Ao longo do processo, foi possível aprender a importância da escuta sensível, da responsabilidade ética e do cuidado estético como elementos fundamentais para a construção de narrativas que respeitem as vivências trans e convidem o público cisgênero a uma reflexão empática.

Apesar dos desafios técnicos, como a adaptação das técnicas gráficas e a manutenção da expressividade visual em diferentes suportes, o projeto alcançou seu objetivo de criar um livro de artista que, por meio de suas cores, texturas e narrativas, aquecesse o coração da comunidade e provocasse novas camadas de interpretação. O processo foi enriquecedor e caloroso, A possibilidade de dialogar com inúmeras realidades.

Como desdobramentos, destaca-se a possibilidade de expandir a circulação da obra, ampliando o alcance de sua mensagem e potencializando o diálogo entre diferentes públicos. Além disso, a continuidade da pesquisa sobre design social se apresenta como uma oportunidade de fortalecer projetos futuros, aprofundando ainda mais o compromisso com a visibilidade trans e a construção de pontes entre as diversas vivências de gênero.

## Referências:

**AMBROSE**, Gavin; **HARRIS**, Paul. *Design editorial*. São Paulo: Blucher, 2009.

**AMBROSE**, Gavin; **HARRIS**, Paul. *Layout: design de páginas*. São Paulo: Senac São Paulo, 2005.

**ANJOS**, Ana Raylander Mártis; **NALON**, Flávia; **PRATA**, Fábio (org.). *Serigrafistas Queer*. São Paulo: MASP, 2022.

**BRITTO**, Glauceca Helena de. Em todo e nenhum lugar, ou sobre uma arte com muitas vozes. In: **ANJOS**, Ana Raylander Mártis *et al.* *LIA D CASTRO: Em todo e nenhum lugar*. São Paulo: MASP, 2024. p. 24.

**BUTLER**, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

**CHINAZZO**, Ítala Raymundo *et al.* Impacto do estresse de minoria em sintomas depressivos, ideação suicida e tentativa de suicídio em pessoas trans. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 26, n. 11, p. 6091-6102, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-812320212611.3.28532019>. Acesso em: 27 nov. 2024.

**COUTINHO**, Laerte. É importantíssimo que existam modelos positivos de transexuais na mídia. *El País Brasil*, 13 jan. 2016. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2016/01/13/estilo/1452687971\\_322515.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/01/13/estilo/1452687971_322515.html). Acesso em: 17 dez. 2024.

**DÍAZ MENDOZA**, Daniela Alejandra. *Uso de bloqueadores hormonales/puberales para mejorar la ansiedad y depresión de las personas trans*. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Medicina Clínica) – Departamentos de la UMH, Universidad Miguel Hernández, Elche, 2024. Disponível em: <https://hdl.handle.net/11000/33320>. Acesso em: 25 out. 2024.

**GATTI**, Larissa Cruz *et al.* A vereadora insurgente. *Revista Cult*, São Paulo: Cult, 2021. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/a-vereadora-insurgente/>. Acesso em: 26 out. 2024.

**GROSSI**, Miriam. Identidade de gênero e sexualidade. *Revista Antropologia em Primeira Mão*, Florianópolis, 1998. Disponível em: [https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/direitos-humanos/direitos-das-mulheres/artigostesesdissertacoes/questoes\\_de\\_genero/grossimiriam.pdf](https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/direitos-humanos/direitos-das-mulheres/artigostesesdissertacoes/questoes_de_genero/grossimiriam.pdf). Acesso em: 20 set. 2024.

**HARVARD DIVINITY SCHOOL**. Third Gender and Hijras. Disponível em: <https://rpl.hds.harvard.edu/religion-context/case-studies/gender/third-gender-and-hijras>. Acesso em: 20 set. 2024.

**HAYDEN**, Anastasia *et al.* Religious trauma and moral injury from LGBTQA+ conversion practices. *Journal of Religion and Health*, v. 63, p. 261-274, 2024. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10943-024-02023-6>. Acesso em: 06 jun. 2025.

**JESUS**, Jaqueline Gomes de. *Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos*. 2. ed. Brasília, DF, 2012.

**LEITE Jr**, Jorge. *Nossos corpos também mudam: a invenção das categorias "travesti" e "transexual" no discurso científico*. São Paulo: Annablume, 2011.

**LUPTON**, Ellen. *Design gráfico: uma introdução concisa*. Tradução de Eduarda Isidoro. São Paulo: Blucher, 2011.

**LUPTON**, Ellen. *Pensar com tipos: um guia crítico para designers, escritores, editores e estudantes*. Tradução de Pedro de Niemeyer Cesarino. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

**ME Medicina de Excelência**. Terapia hormonal para transgêneros. Disponível em: <https://me.med.br/terapia-hormonal-para-transgeneros/>. Acesso em: 28 out. 2024.

**NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL**. Como historiadores estão documentando a vida de pessoas transgênero. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2022/06/como-historiadores-estao-documentando-a-vida-de-pessoas-transgenero>. Acesso em: 20 set. 2024.

**NEDEL**, Juno. *O corpo como artigo: tensionando questões sobre história e memória trans*. Curitiba: Appris, 2020.

**NOVA LAW**. Two-Spirit and LGBTQIA+ Advocate. Disponível em: <https://novalaw.unl.pt/two-spirit-and-lgbtqia-advocate/>. Acesso em: 2 out. 2024.

**PORTAL IG**. HIV e Aids: como o preconceito associou o vírus à comunidade LGBTQIAP+ ao longo dos anos. *Queer IG*, 1 dez. 2022. Disponível em: <https://queer.ig.com.br/2022-12-01/hiv-aids-ao-longo-dos-anos-lgbt.html>. Acesso em: 30 mai. 2025.

**PRECIADO**, Paul B. *Manifesto contrassexual*. São Paulo: n-1 Edições, 2014.

**RODRIGUES**, Leite; **SANTOS**, Livia Marcela dos. Impacto na saúde mental de jovens trans após terapia de transição hormonal. *Research, Society and Development*, v. 13, n. 3, e6013345215, 2024. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v13i3.45215>. Acesso em: 28 out. 2024.

**SILVA**, Gabriel Corrêa da *et al.* Vantagens e desvantagens da supressão da puberdade em crianças e adolescentes com disforia de gênero: uma revisão sistemática. *Revista Ciências da Saúde - CEUMA*, São Luís, v. 2, n. 2, p. 95-114, abr./jul. 2024.

**SOUZA**, Alini Basso de *et al.* Os impactos do preconceito social e familiar na saúde mental das lésbicas, gays, bissexuais e transsexuais. *Research, Society and Development*, v. 9, n. 4, e34942760, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i4.2760>. Acesso em: 28 out. 2024.

**SOUZA**, Gesilane Domingo de *et al.* Necropolítica e os afetamentos psicológicos em corpos trans: uma revisão de literatura. Fortaleza: Centro Universitário Ateneu, 2022. Disponível em: <https://uniateneu.edu.br/repositorio/necropolitica-e-os-afetamentos-psicologicos-em-corpos-trans-uma-revisao-de-literatura/>. Acesso em: 20 set. 2024.

**SUTTER HEALTH**. What does it mean to be non-binary? 2024. Disponível em: <https://www.sutterhealth.org/health/sexual-health-relationships/non-binary>. Acesso em: 1 nov. 2024.

**TRANSFEMINISMO.** Trans Umbrella Term. Disponível em: <https://transfeminismo.org/trans-umbrella-term/>. Acesso em: 31 out. 2024.

**WORTHEN**, Meredith. Why can't you just pick one? The stigmatization of non-binary/genderqueer people by cis and trans men and women: an empirical test of norm-centered stigma theory. *Sex Roles*, v. 85, p. 343–356, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11199-020-01216-z>.

**ZICA**, Daniela Benelli Carvalho. *Os impactos do preconceito no acesso de travestis e mulheres transexuais aos serviços de saúde*. 2024. Monografia (Graduação em Psicologia) – Centro Universitário de Brasília - UniCEUB, Faculdade de Ciências da Educação e Saúde - FACES, Brasília, 2024.

## APÊNDICES

## **APÊNDICE A – ENTREVISTAS**



APÊNDICE A -  
Entrevistas.pdf

---

## **APÊNDICE B – RESULTADOS DO QUESTIONÁRIO**



APÊNDICE B –  
RESULTADOS DO QI

---